Volume 1

Estudando
André Luiz

A DESENCARNAÇÃO



celd

Estudando
André Luiz

A DESENCARNAÇÃO

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Estudando André Luiz — vol. 1 — A Desencarnação / organizadores Saulo Monteiro e Juliane Rovai. — 1. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2016.

152p.; 21 cm.

eISBN: 978-85-7297-587-2

Inclui índice

1. Espiritismo.

I. Rovai, Juliane. II. Título.



Estudando

André Luiz

A DESENCARNAÇÃO

Organizado por
Saulo Monteiro e Juliane Rovai

1ª Edição

CEID

Rio de Janeiro, 2016

Estudando André Luiz — vol. 1
— A Desencarnação

Organizadores:
Saulo Monteiro e Juliane Rovai

1ª Edição: setembro de 2016;
1ª tiragem, do 1o ao 3o milheiro.

Capa e Diagramação:
Marcelo Domingues

Revisão:
Roberto Lota e Teresa Cunha

Arte-final:
Márcio Almeida

Produção de ebook:
S2 Books

Pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)
Rua João Vicente, 1.447, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax: (21) 2452-7700
E-mail: grafica@leondenis.com.br
Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.921.931/0001-89
IE 82.209.980
Tel. 2452-1846
E-mail: editora@celd.org.br
Site: celd.org.br

Remessa via Correio e Transportadora.

Todo o produto desta edição é destinado à manutenção
das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.





Sumário

Capa

Ficha Catalográfica

Folha de Rosto

Créditos

“Espiritografia” do autor

O porquê deste livro

1 - Parte: A Desencarnação

- 1 - Por uma morte justa!
- 2 - Separação da alma e do corpo
- 3 - Problemas e soluções no perispírito

2 - parte: Repercussões do outro Lado

- 1 - O Mundo Espiritual
- 2 - Percepções dos espíritos: um estudo de casos
- 3 - A adesão mental
- 4 - Arrependimento e conscientização

3 - parte: Treino para a Morte

- Preâmbulo
- 1 - Vinculações afetivas
- 2 - Consciência da transitoriedade

3 - Trabalho como ferramenta de evolução

Posfácio

Referências Bibliográficas

"Espiritografia" do autor

A biografia de André Luiz é antes uma 'espiritografia', já que aquilo que conhecemos da vida do encarnado é muito pouco e, via de regra, especulativo. Sabe-se que, em sua última encarnação, André Luiz foi um médico carioca, que, muito semelhantemente à média da humanidade (e nós estamos, mais ou menos, incluídos nesse perfil psicológico), soube sem praticar e agiu sem sentir. Permanecendo durante a encarnação na esfera dos que dormem para a vida real, preferindo os baixos prazeres – sempre tão fugidios – André desencarna vítima da sífilis e de outros pequenos abusos.

Essa espiritografia (também biográfica, já que a vida é eterna), porém, tem uma característica particular: ela é bibliográfica. Quer dizer, tudo o que sabemos sobre a vida de André Luiz é narrado por ele em 13 livros – pertencentes à coleção "A Vida no Mundo Espiritual – a começar por *Nosso Lar*. Essas obras, em conjunto, são capitais tanto para se entender o gradativo desenvolvimento e aprendizado desse Espírito, quanto para vislumbrarmos um amplo retrato do que vem a ser a vida no Mundo Espiritual.

E a história de André Luiz é a de um homem que chega à Vida Maior sem consciência de si, permanecendo por oito longos anos numa esfera

vibratória que caracterizava perfeitamente seu estado mental: estava perdido, atormentado, aflito, angustiado. Ele estava no Umbral.

Como já sabemos, a descrição que *Nosso Lar* faz desse conceito não é de um inferno exterior, mas algo inerente ao tônus mental de André, tão parecido em alguns momentos aos nossos, em que deixamos inquietação e revolta se apossarem de nós.

Conforme vai despertando, acalmando-se, André Luiz abre os olhos da alma, ora e recebe, como todo filho arrependido, a visita do Alto, que, pelas mãos de Clarêncio, o recolhe. Mais tarde ainda, na posição extrema do curioso que chega ao país desconhecido, André recupera-se, reaprendendo a trabalhar. Compreendendo agora as relações pessoais por outro prisma, entende a fraternidade e se propõe a servir. O processo é lento, mas efetivo, pois a transformação vai se revelando ao longo da série "A Vida no Mundo Espiritual", em que percebemos – claramente – como a transformação se dá: de um André deslocado em *Nosso Lar*, achamos um André "quase Guia" em *Sexo e Destino*, onde já demonstra autonomia para diversas tarefas.

Foram muitos mestres, muito esforço, paciência e, sobretudo, boa vontade. O que a nós sempre impressiona na narrativa de André é a simplicidade com que coloca as questões. Ora ele, ora Hilário (um amigo seu de muitos momentos), representam nossa incipiência no saber e nossa condição mediana no amar. Arriscamos afirmar que essa talvez tenha sido a característica que o fez, na Casa de Léon Denis (CELD), por exemplo, tomar para si o trabalho com a juventude, uma vez que o jovem traz, por natureza, essa curiosidade quase impulsiva em si.

Somente ler André Luiz é impossível! Ele precisa ser estudado, debatido, contextualizado, de forma a aproveitarmos cada ângulo de sua obra, que, a nosso ver, é a grande aplicação prática de tudo quanto a Codificação kardequiana nos ensina. Se aprendemos que Kardec ensina e Denis convence pelo raciocínio, diríamos que André aplica!

Apliquemos a nós esse modelo apresentado por André Luiz em sua biografia espiritual e, certamente, venceremos antecipadamente! Estudar

André Luiz será sempre uma oportunidade renovada de saber; e quem sabe, faz a hora, não espera acontecer...



O porquê deste livro

Este é o primeiro volume de uma série que se propõe, como algumas outras coleções disponíveis nas prateleiras espíritas, a vasculhar uma literatura que, apesar de complementar e específica, se tornou tão importante ao entendimento espírita do Mundo Espiritual. Trata-se da série "A Vida no Mundo Espiritual", da Editora FEB, também conhecida, em justa homenagem do senso comum, como Coleção André Luiz.

Não temos a pretensão, obviamente, de acrescentar um ponto que seja às descrições ou reflexões tão profundas deste que foi mais do que o repórter do mundo dos espíritos, mas o revelador de ângulos essenciais das consequências do livre-arbítrio, desdobrando a lei de Ação e Reação e focando os porquês da vida do espírito, que sopra onde quer. A estratégia aqui será simples, apesar de grandiosa: a cada livro de André, tomaremos dois grandes temas dali depreendidos. Cada um desses temas comporá um livreto, que lhe será entregue como este, à guisa de facilitador na exploração insubstituível da literatura do médico desencarnado.

Para tal, começaremos pelo início: *Nosso Lar* – o primeiro livro de André Luiz – é o de apresentação geral do plano de seu trabalho: descrever o Mundo Espiritual naquilo que sua vivência pessoal apresentou. O livro não tem a intenção, a nosso ver, de revolucionar o entendimento espírita, mas muitos véus que caem com a Codificação espírita estão ali exemplificados,

seja pelo estilo próprio do romance (e a competência do autor em fazê-lo), seja pela proposta organizacional do trabalho de Emmanuel em nossas fileiras, tão bem exposto no prefácio de *Nosso Lar*. Assim diz o Benfeitor:

> *"De há muito desejamos trazer ao nosso círculo espiritual alguém que possa transmitir a outrem o valor da experiência própria, com todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem-intencionados nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta".*

O primeiro tema estudado de *Nosso Lar* será "A Desencarnação". Sem nos prendermos tanto aos detalhes relativos aos aspectos técnicos do desenlace (apesar de fazermos sobre isso um rápido enfoque), iremos nos debruçar sobre as consequências das escolhas humanas quando no *post mortem*. Nosso objetivo é, então, r*efletir acerca da responsabilidade individual no processo da desencarnação*.

Venha conosco, leitor amigo, mergulhe em *Nosso Lar* e explore com André os escaninhos da alma humana, do seu coração, no esforço da avaliação de si mesmo, rumo ao futuro construído pela força da vontade e abençoado por Deus.



1

PARTE

A Desencarnação



Por uma morte justa!

"Após a morte do corpo físico a alma se encontra tal qual vive intrinsecamente."

Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos*, item 257.

Sem a ideia de reencarnação, a de justiça torna-se inalcançável!

Não há exagero ou fanatismo na afirmação. O que vamos abordar nesse capítulo de abertura será um breve histórico das visões de morte e suas implicações morais, ou seja, as diversas maneiras de se ver o fenômeno da morte como justo; aliás, procedimento já feito por Allan Kardec, principalmente na obra *O Céu e o Inferno*. Sem fazer uma mera recapitulação enfadonha da Codificação, percebamos quão mais fortalecida a tanatologia [1] espírita fica após uma confrontação com os argumentos atuais sobre a morte.

A maneira pela qual o conteúdo será direcionado terá como base a pergunta 628 de *O Livro dos Espíritos*, que nos induz à humildade de não querermos ser os donos da verdade e de não ficarmos restritos a alguns determinados campos do conhecimento humano. Nesse impulso de certificar que em tudo existem germens de grandes verdades [2], aproximaremos conceitos que parecem, num primeiro momento, antagônicos e inconciliáveis. E finalmente, como objetivo principal do livro,

nosso intento é observar como a obra *Nosso Lar* ilustra o que a universalidade do ensino dos Espíritos trouxe por meio da Codificação.

Para não cansar o leitor, comecemos, sem mais introduções.

Duas grandes respostas podem circular na mente humana terrena quando se pergunta o que é a morte? Ou é fim do que chamamos de vida ou é a sua continuação em outras formas. A partir dessas duas respostas, surge um mundo de filosofias, que tem, como pano de fundo, o monismo – que vê a matéria como única soberana – ou o dualismo – que adiciona o princípio espiritual para dividir o reinado com a matéria. Na Codificação, veremos esses dois grandes conceitos intencional, clara e constantemente colocados um em oposição ao outro: o materialismo e o espiritualismo [3].

O materialismo, hoje em dia, tomou o campo científico e traduz o pensamento de grandes intelectuais; situação já denunciada, se não em todas, pelo menos na maioria das publicações de Léon Denis, em sua época, dando sequência às observações de Allan Kardec. Ambos constataram que a ascensão desse conceito filosófico teve origem na fraqueza das ideias espiritualistas (religiosas) daqueles tempos, inconsistentes e contrárias à lógica e, até, à própria moral que defendem.

Entre os tiros e arranhões dessa guerra surge o Espiritismo, tomando pontapés dos dois lados, mas que, ao contrário de o enfraquecer, tornam-no mais forte e mais claro [4].

O surgimento do Consolador nesse contexto belicoso talvez tenha sido para ficar mais claro o seu papel de conciliador, simbolizado pela união, antes dada como impossível, entre fé e razão [5]. Então veremos as cartas diplomáticas que o Espiritismo apresenta para a (ainda atual) guerra entre o materialismo e o espiritualismo nos artigos que remetem à morte.

Três ideias nascerão das duas respostas possíveis sobre o que é a morte. Elas serão assim intituladas:

1. A morte como fim;
2. a morte como juízo final;
3. e a morte como juízos intermediários.

A morte como fim

Os representantes da linha do pensamento em que a morte é o marco final da individualidade e sua consciência são os materialistas.

Ousamos dizer que o materialismo ganhou a força que tem hoje pela insistência que predomina entre os espiritualistas em defender superstições e negligenciar qualquer avanço das evidências científicas, sobretudo, as mais basilares, como as que fundamentam a teoria da evolução e do movimento dos planetas.

Figura em algumas partes do mundo a persistência, ainda no século 21, de levar aos bancos escolares a concepção do criacionismo, colocando o homem como se não fizesse parte dos mecanismos naturais (portanto divinos) da evolução; vemos, também, representantes religiosos defenderem a inexistência do movimento do planeta Terra, fundamentando sua ideia com o seguinte argumento: se o planeta se movesse, um avião nunca chegaria da China ao Brasil, por exemplo; ou bastaria ficar parado no ar para que do Brasil se chegasse à China. A partir daí, dizemos com os Espíritos: "*a maioria só é materialista, porque nada possui para preencher esse vazio*" [6].

Mas porque hoje o Espiritismo já está consolidado e bem divulgado, podemos perguntar sobre o motivo de esses não buscarem a explicação de fenômenos que só é bem desenvolvida e fundamentada pela existência de um princípio espiritual intervindo no princípio material. Contudo, se pensarmos que o Espiritismo se encontra inserido no conjunto do espiritualismo (de onde vem toda sorte de explicações supersticiosas para fenômenos naturais), conseguimos concatenar que o Espiritismo é, pelo uso da lógica daqueles que concluem antes da pesquisa [7], uma filosofia de concepções irracionais. Daí a indiferença daqueles; ler *Nosso Lar* e extrair algum conhecimento é inimaginável, pois que enxergam nesta obra um mundo de crendices.

Para um materialista, se perguntarmos o que acontece depois da morte ele dirá: nada! Então o que me leva a respeitar leis quando estou passando por

necessidades se no final de tudo minhas ações não serão levadas em conta?

A resposta, quando afirmativa, só podia vir pelo determinismo fortalecido pelas descobertas da genética [8]: o que me faz respeitar as leis é o prazer que sinto quando faço o bem a alguém. Esse prazer é fruto das forças naturais das compensações químicas, que me levam a ter empatia pelo outro. Soma-se a isso a razão, que entende a importância da harmonização entre todas as pessoas no meio que dividem, para que todos vivam bem. Logo, para que eu seja feliz, é preciso que o outro seja feliz, nesse sentido, é fundamental multiplicar o bem.

Muito razoável a resposta, porém desconsidera suas negações: o prazer que sinto quando tomo posse de coisas em detrimento de outros; a antipatia também é uma força natural e que também gera suas compensações; o poder da razão também conduz muitos a crerem que o bem não pode ser para todos, somente para alguns, sendo que normalmente estamos sempre incluídos nesses "alguns". É de se notar que as negações, por enquanto, são as que têm mais força, e vemos o egoísmo ganhar terreno com facilidade pela fraqueza de esses conceitos fornecerem instrumentos para sublimação das paixões grosseiras excitadas sem esforço pela força da ideia fundamental que o fim depois da morte traz: não responderei por nada que eu fizer nesta vida! Ou ainda pior, muitos não veem mais razão para continuarem uma vida de penúria e decepções, encontrando no suicídio a solução para os problemas.

Entretanto, vemos respostas de materialistas com inteligências acima da média que possuem mais poder de superar as paixões grosseiras ou as frustrações da vida; é possível confirmar isso ao pesquisar suas vidas devotadas a descobertas científicas – em muitos com uma abnegação notável. De onde pode vir a motivação de se respeitar o outro acima de tudo, se depois da morte é o fim? Para ficar com um exemplo e partir, em seguida, para o próximo tópico, citarei uma entrevista dada por Neil de Grasse Tysson [9] ao apresentador Larry King em seu programa de TV.

(N.G.T.) – "*Nós tememos a morte sabendo que nascemos para ter uma única vida. Entretanto, vou mostrar outro ponto de vista fazendo uma pergunta: se você pudesse viver para sempre o que você faria? Você gostaria? (...) Certo que é uma ideia bastante atrativa..., mas o meu modo de pensar é assim: o conhecimento de que vou morrer é que cria o foco que trago para estar vivo; a urgência de realizar algo, a necessidade de se expressar amor agora e não mais tarde. Se vivermos para sempre, por que a cada manhã preciso sair da cama se terei sempre um amanhã para levantar? Esse não é o tipo de vida que desejo viver.*

(L.K.) – *Mas, ao mesmo tempo, você não tem medo de a morte estar perto?*

(N.G.T.) – *Eu vejo que vivo uma vida em que eu poderia ter feito algo e não fiz, é isso que eu temo; eu não temo a morte.*

(L.K.) – *Não tem medo do desconhecido?*

(N.G.T.) – *Não tenho medo do desconhecido, eu amo o desconhecido. Eu pedi para minha irmã colocar em minha lápide uma frase de Horace Mann, um grande educador, 'Tenha medo de morrer, antes de ter oferecido um benefício para a humanidade'.*"

(*Tradução livre*)

Reparem que, além dos fatores já citados anteriormente, foi acrescentado mais um: a sensação de urgência quando sabemos que não somos imortais. Em espíritos como Tysson essa sensação de tempo curto injeta a necessidade de se cumprir seu dever social agora e não depois. Algo bastante positivo. Porém, na maioria, que não possui uma tendência conquistada para realizações voltadas para o coletivo, a sensação de tempo curto forma os comportamentos hedonistas.

O astrofísico está com toda razão, ainda precisamos de estímulos externos para não vivermos procrastinando o cumprimento do dever, que em nós ainda é incipiente. Observem como quase todas as instituições precisam criar programas de incentivos aos profissionais para que eles cumpram seus deveres. Agora, está ausente, nessa proposição de Tysson, a responsabilização total que temos sobre nossas ações, não somente sobre as que a justiça humana alcançar; mas todas aquelas em que abafamos a voz da consciência pelo egoísmo avassalador [10].

Observando bem, o grande divulgador da Ciência, estava emitindo uma crítica à imortalidade contemplativa, na qual o virtuoso que já ganhou o céu não vê motivação para continuar trabalhando, porque sua felicidade é eterna e ninguém pode mudar. Então essa ideia está mais próxima de Kardec que

qualquer cientista poderia imaginar, basta abrirmos a primeira parte, no capítulo 3, do livro *O Céu e o Inferno* para ver; também o Espírito André Luiz, em *Nosso Lar*, revela-nos uma colônia repleta de oportunidades de trabalho para o desencarnado que deseja continuar a aprender e se aperfeiçoar no intervalo da erraticidade.

> *"A felicidade dos espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como frequentemente se tem afirmado, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os graus, é, ao contrário, uma constante atividade, mas uma atividade sem fadigas. (...) A suprema felicidade também está nas atribuições das quais se fica feliz por ser encarregado. Os espíritos puros são os messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades; eles realizam as grandes missões, presidem a formação dos mundos e a harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a qual só se chega pela perfeição. Os espíritos de ordem mais elevada são os únicos que participam dos segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento do qual são os representantes diretos* [11]."
>
> *"Impressionou-me o espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não havia, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, porque as vias públicas estavam repletas.*
>
> *"Nesta zona, atende-se a doentes, ouvem-se rogativas, selecionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento* [12]."

Para os que acreditam na finitude, poucos a veem como estímulo para realização de coisas boas, enquanto possuem tempo, mas sim como um grande solucionador de seus problemas através da fuga da vida. E para os que acreditam na infinitude?

Morte como juízo final

Daqui para frente, a morte já não representa mais a aniquilação do ser que animou e deu inteligência à organização material. A morte será um rito de passagem para outro tipo de existência, que, por sua vez, será estreitamente atrelada, em suas penas e recompensas, ao tipo de vida levada durante o período na carne. Não só intimamente ligado, mas também definitivamente. Ligado definitivamente não significa dizer que a duração seja infinita, eterna.Veremos que os Espíritos, incluindo os Guias de Kardec e de André

Luiz, revelam que as penas e recompensas, apesar de serem efeito das nossas escolhas, não são de maneira alguma inalteráveis, fruto de um juízo final.

Jesus parece adiantar esta imutabilidade da felicidade ou infelicidade conforme o comportamento do homem durante sua vida na carne, simbolizados pelo céu, inferno e purgatório. Citaremos, como exemplo, a parábola do Último Julgamento [13].

> **25:31** *Quando o filho do homem vier em toda a sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará sobre o trono da sua glória.* **25:32** *E serão reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos;* **25:33** *e colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. (...)* **25:41** *Então, dirá aos (que estiverem) à (sua) esquerda: Afastai-vos de mim, amaldiçoados, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.* **25:42** *Pois tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; (...)* **25:46** *E estes irão para o castigo eterno; os justos para a vida eterna.*

Mas o que vem a ser esse "fogo eterno"? Allan Kardec, em *O Céu e o Inferno,* fala que essa imagem enérgica fora construída para impressionar as massas. No comentário da questão 1.009 de *O Livro dos* Espíritos, Kardec ainda mostra onde está realmente a imutabilidade. Os Espíritos, a seu turno, afirmam que fogo eterno é uma figura tomada por realidade em que não produz mais resultados, ou seja, muitas e muitas pessoas já não se impressionam com o inferno. Fazendo coro a essa interpretação, diz, em *Nosso Lar*, André Luiz:

> *"Se Jesus ameaçou os culpados com fogo eterno, também os ameaçou de serem atirados na Geena;* (...) *Seria preciso interpretar essas palavras também ao pé da letra? Elas eram uma dessas figuras enérgicas com a ajuda das quais ele impressionava as massas.* (...) *Se não fosse esse o seu pensamento, Jesus estaria em contradição consigo ao louvar a clemência e a misericórdia de Deus, porque clemência e crueldade são sentimentos opostos que se anulam* [14]*."*

Frear! Essa era a intenção. Deixar claro que nossos atos terão consequências severas no porvir. Porém, como a interpretação foi tomada pela literalidade, perderam-se a confiabilidade e seu papel de conscientizar o homem sobre a responsabilidade de seus atos.

> ***O Livro dos Espíritos*, q. 974. *De onde se origina a doutrina do fogo eterno?***

"Imagem, como tantas outras, tomada pela realidade."

a) *Mas, esse temor não pode produzir um bom resultado?*

"Vede, então, se ele serve para conter muitas pessoas, mesmo entre aqueles que o ensinam. Se ensinardes coisas que a razão, mais tarde, rejeite, dareis uma impressão que não será durável, nem salutar."

Nações com escasso acesso ao conhecimento moderno, fundamentado em bases firmes da razão, exibem um campo propício para que se mantenham a alegoria e a superstição com realidade e certeza. Já nos países onde os meios de acesso são largos, inúmeras mentes se libertam das superstições e, por terem se sentido enganadas, tornam-se indiferentes a qualquer sentimento de religiosidade. Um exemplo disso é o do nosso patrono André Luiz, que veremos mais à frente.

"A Teologia reconhece, hoje, que a palavra fogo é usada figuradamente e se deve entender como fogo moral. (...) *Com relação à própria duração deles, alguns teólogos começam a admiti-la no sentido restritivo indicado acima e pensam que, efetivamente, a palavra eterno pode referir-se às penas em si mesmas, como consequências de uma lei imutável e, não, de sua aplicação a cada indivíduo* [15]."

Fôlego! É preciso respirar fundo para conter a efusão de alegria ao se encontrar de face com o esclarecimento sobre uma ideia tão debatida e que levou – e ainda leva – tantos homens à incredulidade.

Além disso, reconstrói a concepção da infinita bondade divina trazida pelo Mestre. A alegria vem da simplicidade da interpretação: o que é imutável não é a pena, é a Lei! Isto é, sempre que alguém cometer um erro ou um acerto a Lei trará uma consequência conforme a natureza do ato. Algo totalmente diverso da interpretação comum: se alguém cometer um ato errado ou acertado a Lei trará uma consequência eterna conforme a natureza do ato.

Não sendo a pena eterna, ela é, então, resgatável. Kardec resume o caminho do resgate como: arrependimento, expiação e reparação. Desta forma, torna-se necessário o arrependimento, que nasce do livre-arbítrio da individualidade. Portanto, dizer que a pena é eterna é afirmar que seu tempo

não é determinado, e sim ilimitado, pois está intimamente conectado com o arrependimento do Espírito [16]. André, por exemplo, precisou de oito anos para que sua pena começasse a se desfazer; nada estipulou esse tempo a não ser a conscientização do seu próprio espírito.

> *"A quem recorrer? Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens.* (...) *Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa ideia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico.* (...)
>
> *E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência.* (...)
>
> *Ah! é preciso haver sofrido muito para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus* [17]."

O poder do arrependimento é enorme, e esta força é representada pela Misericórdia Divina, que eternamente dará uma nova oportunidade para o arrependido reparar suas faltas. Contudo não basta se arrepender; como dito antes, é preciso reparar. E a necessidade inalterável de reparação é que fará o papel de freio, nos dias atuais; ideia consentânea com a Bondade, Justiça e Misericórdia Divina. Aliás, é essa a ideia por trás do fogo eterno: o fogo arderá eternamente até a criatura se arrepender e reparar. Observemos o que diz Kardec, em sua nota ao 12o artigo do "Código Penal da Vida Futura", no livro *O Céu e o Inferno*:

> *"A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos espíritos. É uma doutrina que nenhuma religião ainda proclamou. No entanto, algumas pessoas a repelem, porque achariam mais cômodo poder apagar os seus erros com um simples arrependimento, que não custa mais que palavras, e com a ajuda de algumas fórmulas; tendo o direito de se acreditarem quites, elas verão mais tarde se isso lhes basta. Poder-se-ia perguntar-lhes se esse princípio não foi consagrado pela lei humana, e se a Justiça de Deus pode ser inferior à justiça dos homens. Essas pessoas se dariam por satisfeitas se um indivíduo que as arruinou por abuso de confiança, se limitasse a lhes dizer que lamenta infinitamente o acontecido. Por que recuariam elas diante de uma obrigação cujo cumprimento todo homem*

honesto considera um dever? ***Quando essa perspectiva da reparação se impuser na crença das massas, ela será um freio bem mais poderoso que o do inferno e das penas eternas****, porque atinge a atualidade da vida, e porque o homem compreenderá a razão de ser das circunstâncias penosas em que se encontra."* (*Grifo nosso.*)

O homem sempre terá a oportunidade de reparar, até o momento, que não precisará mais porque alcançou a escala dos Espíritos Puros. Até lá, sua consciência fará julgamentos de morte em morte e de vida em vida com o intuito de criar os melhores planos de reparação de suas faltas; o que nos faz concluir que o juízo final só acontecerá, no estado de pureza espiritual, quando não precisar mais de julgamentos, o tribunal de sua consciência será fechado, pois ela estará sempre seguindo a lei natural.

Morte como juízos intermediários

Por tudo isso, a morte que nos parece mais justa não é a que não responsabiliza o ser nem a que o responsabiliza pela eternidade, mas sim a que ***o permite voltar para reparar o mal realizado***. Dar oportunidade de reparação é retornar à carne a fim de dar continuidade ao aperfeiçoamento individual.

Os juízos intermediários são os encontros que temos com nós mesmos, marcados nos autos solenes do tribunal da consciência. *Após a morte do corpo físico, a alma se encontra tal qual vive intrinsecamente,* nos diz Kardec [18]; Emmanuel fortalece essa ideia no prefácio da obra *Nosso Lar*. Por outras palavras, percebe-se, então, que um dos grandes objetivos dessa obra é mostrar que a morte é um encontro com a própria consciência, um despir das máscaras.

> *"André Luiz vem contar a você, leitor amigo, que a maior surpresa da morte carnal é a de nos colocar face a face com a própria consciência, onde edificamos o céu, estacionamos no purgatório ou nos precipitamos no abismo infernal; vem lembrar que a Terra é oficina sagrada, e que ninguém a menosprezará sem conhecer o preço do terrível engano a que submeteu o próprio coração."*

Mas é preciso morrer para se encontrar com a própria consciência? Não! O grande obstáculo são as distrações que nos hipnotizam, dadas pela

predominância de nosso interesse pela matéria e desinteresse pelo espírito, priorizamos o efêmero em detrimento do eterno. Por isso, o defrontar-se mais comum com a própria consciência se dá pelo fenômeno da morte, que além de providenciar esse encontro, promove a oportunidade de vivenciar novas circunstâncias devido a novos contextos de corpo, família, classe social, etc.

Quando Kardec pergunta aos Espíritos sobre o que sente a alma quando ela se reconhece no mundo dos espíritos, obtém a resposta: "i*sso depende; se fizeste o mal com o desejo de praticá-lo, no primeiro momento, tu te sentirás* ***envergonhado*** *de tê-lo feito. Para o justo, é bem diferente: ela fica como que aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perscrutador*".

Para a Doutrina Espírita, então, a morte é também essa obrigatoriedade no despir-se, de modo que, de tempos em tempos, o ser veja-se "*tal qual está*" e reprograme, replaneje, refaça os caminhos da jornada para a felicidade. Tal qual entendemos com Emmanuel, é preciso atenção ao que fazemos em nossas horas livres; nesses momentos, saberemos como realmente estamos, através das escolhas que fazemos e como veremos a seguir, isso conta mais na hora da morte do que qualquer outro elemento [19].



Separação da alma e do corpo

"A vida não cessa. A vida é fonte eterna e a morte é jogo escuro das ilusões (...) Cerrar os olhos carnais constitui operação demasiadamente simples."

Nosso Lar. Apresentação de André Luiz.

O momento da morte não é o fim, marca apenas a separação do corpo material da alma, que somos nós – Espíritos – quando encarnados. André Luiz nos mostra com exemplos dos mais variados de sua experiência e de outros espíritos o processo da desencarnação. Mas como se dá este processo? Como a Doutrina Espírita nos explica o mecanismo de separação da alma e do corpo ao cerrar dos olhos, e em que momento se dá o despertar do Espírito? É o que tentaremos trazer neste momento de forma a auxiliar no entendimento desse mecanismo, apresentando as variações do desligamento do Espírito de acordo com o planejamento e o viver de cada um.

Morrer dói?

Muitos de nós, até mesmo os espíritas, tememos o momento da morte por achar que possa ser doloroso, porém, desde a época de Kardec, os Espíritos vieram nos esclarecer, conforme a questão 154 de *O Livro dos Espíritos*, que,

frequentemente, sofremos mais durante a vida do que no momento da morte. Seria então, este, um momento de alívio para o Espírito exilado na carne onde os laços que nos une ao corpo material se desatam ao longo da existência, sem quebra brusca.

A tese espírita é de que nada terá de doloroso no processo de separação em si, pois que seria "como um lampião que se apaga por falta de combustível [20]".

"*Uma existência é um ato.*
Um corpo – uma veste.
Um século – um dia.
Um serviço – uma experiência.
Um triunfo – uma aquisição.
Uma morte – um sopro renovador [21]."

Esses laços nos são apresentados pelo nome de perispírito, que vem a ser um envoltório semimaterial que possibilita a vida de encarnado. Sobre ele, veremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

O desligamento

Sabendo que o perispírito se desata pouco a pouco do corpo ao longo da existência, temos aí a desencarnação natural a qual propicia o retorno à pátria espiritual de forma sadia. Há, porém, que considerar que o desligamento total do Espírito com o corpo irá depender da forma como viveu tal individualidade. Allan Kardec, em nota ao item "a" da questão 155 de *O Livro dos Espíritos,* se posiciona sobre o assunto:

> *"A observação prova que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; ele só gradualmente se opera e com uma lentidão muito variável, conforme os indivíduos; em uns ele é bastante rápido e pode-se dizer que o momento da morte é também o da libertação, diferindo em algumas horas; porém, em outros, sobretudo naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido e dura, algumas vezes, dias, semanas e até meses, o que não implica existir no corpo a menor vitalidade nem a possibilidade de um retorno à vida, mas uma simples afinidade entre o corpo e o espírito, afinidade que está sempre em razão da preponderância que, durante a vida, o espírito deu à matéria".*

O codificador, em *O Céu e o Inferno*, cap. 1, 2a parte, item 4, continua suas explicações:

> *"O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo".*

O que podemos perceber de tudo isso é que as vivências e a importância que damos à matéria irão influenciar diretamente tanto no momento de nossa desencarnação como em nossa libertação do corpo. Aquele que se exercita moralmente, dando maior importância ao que tange às necessidades espirituais, terá quase que instantâneo desligamento do corpo, pois já estava praticamente liberto enquanto encarnado, só necessitando que se esgotassem as últimas fontes de fluido vital [22]. Porém observaremos casos em que o espírito se mostra tão endurecido e apegado ao corpo físico que cria para si uma prisão nos despojos podendo ainda experimentar o horror da decomposição. Exemplificamos a seguir, a partir da descrição feita por André Luiz, dois casos: no primeiro, André lembra quando ainda se encontrava em desalinho com os pensamentos após sua desencarnação; no segundo, ele relata o caso de Francisco, um assistido das câmaras de retificação, que fora expulso do corpo físico bruscamente.

1. *"(...) Eu havia deixado o corpo físico a contragosto. Recordava meu porfiado duelo com a morte. Ainda julgava ouvir os últimos pareceres médicos, enunciados na Casa de Saúde; lembrava a assistência desvelada que tivera, os curativos dolorosos que experimentara nos dias longos que se seguiram à delicada operação dos intestinos. Sentia, no curso dessas reminiscências, o contato do termômetro, o pique desagradável da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono: minha esposa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. Depois... o despertar na paisagem úmida e escura e a grande caminhada que parecia sem-fim* [23]."

   "(...) – Irmã Narcisa, lá vem 'ele'!, o monstro! Sinto os vermes novamente! 'Ele'! 'Ele'!. . . Livre-me 'dele' irmã! Não quero, não quero!..."
2. *"– O pobrezinho era excessivamente apegado ao corpo físico e veio para a esfera espiritual após um desastre, oriundo de pura imprudência. Esteve, durante muitos dias, ao lado dos despojos, em pleno sepulcro, sem se conformar com situação diversa. Queria firmemente levantar o corpo hirto, tal o império da ilusão em que vivera e, nesse triste esforço, gastou muito tempo. Não valeram socorros*

das esferas mais altas, porque fechava a zona mental a todo pensamento relativo à vida eterna. Por fim, os vermes fizeram-lhe experimentar tamanhos padecimentos que o pobre se afastou do túmulo, tomado de horror [24]."

Variando quase que na proporção dos indivíduos, entendemos que não há morte igual a outra, mas, pelo que a literatura de André nos mostra, a orientação que o Espírito dá à sua vida é determinante tanto para o tempo desse desligamento definitivo quanto para as impressões que ele carrega consigo da vida de encarnado, projetando, às vezes, situações em que ele se sente profundamente mergulhado no corpo, mesmo já na condição de desencarnado.

Consequências espirituais

Muitos encarnados vivem com a seguinte filosofia de vida: "*meu corpo, minhas regras*", de modo a acreditarem que, na posse do corpo físico, têm direito de fazer o que bem entenderem. Há, porém, de se considerar que não somos um corpo e nem de longe ele é propriedade do Espírito que o anima. Precisamos compreender o corpo como ferramenta de progresso, e, por isso, necessitamos cuidar dele, não somente para a vida, mas também para a morte. Para termos uma desencarnação sadia e sem tormentos, necessitamos utilizar de forma correta a matéria que nos é emprestada para esta existência.

Conforme é utilizada esta ferramenta, os fatos são registrados na consciência e, consequentemente, irá alterar, de modo significativo, o estado de nosso corpo espiritual quando de nossa chegada à pátria espiritual. Vejamos a seguir o exemplo de André Luiz, que, após uma vida desregrada, de indiferença ao próximo e totalmente afastada dos pensamentos que ligam ao Criador, foi classificado como suicida pelos mentores que, com carinho, apontaram as consequências de seus atos.

"Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi

reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou. Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável [25]*."*

Observa-se então que todas as nossas ações serão refletidas em nossa vida espiritual que poderão nos estacionar ou adiantar diante da escala evolutiva dos seres. Estes atos que cometemos irão também proporcionar alegria ou vergonha ao encontrar os irmãos que ajudamos ou prejudicamos. É o que nos diz a questão 159, de *O Livro dos Espíritos*, quando nos explica que todo aquele que pratica o mal propositalmente sentirá vergonha ao se reconhecer no mundo dos espíritos; no entanto, aquele que foi justo ficará livre de um grande peso, pois não teme julgamentos. No entanto, todo o bem praticado será levado em conta nas Leis de Deus, até mesmo aquele que não fazemos de coração, pois que o sentimento de gratidão despertado no outro movimentará fluidos a seu favor. André Luiz retrata esses dois casos em sua estada em Nosso Lar, onde recebeu tanto as preces, a seu favor, de pacientes que ele atendia gratuitamente por pura obrigação quando na carne, quanto dos pensamentos menos felizes de um amigo de seu pai, o qual ele contribuiu para prejudicar.

"Quis ensaiar algumas explicações relativamente ao passado, mas não o consegui. No fundo, eu desejava pedir desculpas pelo procedimento de meu pai, levando-o ao extremo de uma falência desastrosa.

(...) Recordei que minha mãe intercedeu, atenciosa, e pediu a meu pai esquecesse os documentos assinados, abstendo-se de qualquer ação judicial. Meu genitor, porém, habituado a transações de vulto e favorecido pela sorte, não podia compreender a condição do retalhista. Manteve-se irredutível.

(...) Queria desculpar-me e todavia não encontrava frases justas, porque, na ocasião, também encorajara meu pai a consumar o iníquo atentado; considerava minha mãe excessivamente sentimentalista e induzira-o a prosseguir na ação, até ao fim. Muito jovem ainda, a vaidade apossara-se de mim. Não queria saber se outros sofriam, não conseguia enxergar as necessidades alheias. Via, apenas, os direitos de minha casa, nada mais. E, nesse ponto, tinha sido inexorável. Inútil qualquer argumentação materna [26].

Sua posição atual não é das melhores; entretanto, é confortadora, pelas intercessões chegadas ao Ministério do Auxílio, a seu favor.

(...) Logo após sua vinda, pedi ao Ministério do Esclarecimento providenciasse a obtenção de suas notas, que examinei atentamente. Muita imprevidência, numerosos abusos e muita irreflexão, mas, nos quinze anos de sua clínica, também proporcionou receituário gratuito a mais de seis mil necessitados. Na maioria das vezes, praticou esses atos meritórios, absolutamente por troça; mas, presentemente, pode verificar que, mesmo por troça, o verdadeiro bem espalha bênçãos em nossos caminhos. Desses beneficiados, quinze não o esqueceram e têm enviado, até aqui, veementes apelos a seu favor. ***Devo esclarecer, no entanto, que mesmo o bem que proporcionou aos indiferentes surge aqui a seu favor*** [27]."

Portanto, nada, mas absolutamente nada do que realizamos ou do nosso tônus mental passa despercebido dessas marcações em nós mesmos e em nosso corpo espiritual, que vão, à frente, caracterizar nosso estado espiritual transitório. Quanto à separação da alma e do corpo, terminamos o segundo capítulo quase que com a conclusão do primeiro: nossas escolhas são definidoras de nosso estado aqui, do outro lado da vida e na transição de um para outro.





Problemas e soluções no perispírito

"(…) pode dizer-se que o espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa."

O Livro dos Espíritos, item 93.

Antes de tudo, vejamos com a Doutrina Espírita o conceito de perispírito ou corpo espiritual, expressão usada desde Paulo de Tarso (I C*oríntios – 15:44) – semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.* Allan Kardec pergunta em *O Livro dos Espíritos*, no item 93:

> *"O espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer?*
>
> *Resposta dos Espíritos: "Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; bastante vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira."*
>
> *E o codificador conclui: "envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao espírito propriamente dito".*

Essa visão tríplice do homem é um conceito em Espiritismo: o homem é espírito, perispírito e corpo físico, sendo essencial entender o veículo intermediário como esse envoltório que comunica espírito e corpo. Vejamos como Kardec resume o modo de ação do espírito:

> *"Pode-se dizer que o corpo recebe a impressão, o perispírito a transmite, e o espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do espírito, pode dizer-se que o espírito quer, o períspirito transmite e o corpo executa* [28]*."*

Assim, toda ação praticada pelo homem, no uso de sua inteligência, tem no corpo um mero executor de ordens, as quais lhe chegam graças a esse fluido que transmite a vontade à matéria inerte. Não podemos, sob a visão espírita falar em "carne fraca", uma vez que somos sempre os responsáveis diretos por nossa vida. Outra intermediação importante realizada pelo perispírito é a mediunidade, pela qual inteligências já desencarnadas entram em contato conosco a fim de influenciarem (para o bem ou não) nossos pensamentos e ações. Vejamos:

> *"O perispírito, para nós outros, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, através do vosso corpo ou vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; (...); a Ciência não conhece o bastante, mas lá chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar infinitamente; a alma é o pensamento; ela não muda de natureza; sob este aspecto, não vades mais longe, é um ponto que não pode ser explicado* [29]*."*

O perispírito, para o Espírito, em mundos inferiores, ainda é uma veste grosseira. No entanto, para os homens, além de ser invisível é, uma substância, com um poder ideoplástico, obediente à vontade da alma (espírito encarnado) que o usa como veste temporária. Ele se unifica em torno do Espírito por uma lei de atração que o sustenta e dirige. O perispírito tem como função, ser intermediário entre o corpo de carne e o espírito. Por meio dele, o mundo físico é vitalizado, mantendo o equilíbrio molecular, como a própria vida instintiva dos órgãos. Em cada mundo, o magnetismo que envolve os Espíritos é diferente um do outro, considerando a evolução dos homens que o habita. Os fluidos são correspondentes à escala evolutiva dessa mesma humanidade. Podemos afirmar que se muda o campo fluídico de pessoa para pessoa.

Há muitos Espíritos que vêm à Terra em trabalhos assistenciais, verdadeiras missões, entidades de muita elevação, que, ao chegarem no nosso mundo, mudam de roupagem fluídica, para suportarem o ambiente que acolheram para trabalhar, temos como exemplo o que acontece com quem sai de um lugar

muito quente para uma região muito fria; necessariamente começa a usar as roupas do ambiente em que vai permanecer. O perispírito é, pois, uma roupa do Espírito, trocável, igual às roupas humanas, mas com a capacidade de assimilar e de obedecer à vontade do Espírito.

O Espírito propriamente dito não foge a essa lei de Progresso e se reveste de muitos corpos e destitui-se dos mesmos quando deles não precisa mais. Enquanto progride moralmente, vai-se desvencilhando das roupagens, que normalmente são sempre grosseiras, tornando-se livre. O Espírito reveste-se de corpos de acordo com o ambiente, ou seja, o planeta em que reencarna.

O perispírito é o condutor dos centros de força, capaz de obedecer fielmente à alma. Além disso, ele faz uma ligação perfeita com as glândulas endócrinas do corpo físico. O magnetismo que reveste um planeta habitado evolui de acordo com a evolução dos Espíritos ali habitados, depurando-se pela força do progresso, obediente ao tempo e a Deus. Em um mundo inferior, onde existem Espíritos primitivos, certamente os fluidos que o cercam são de natureza pesada, compatível com os seus habitantes.

Qualquer espírito de natureza superior que tiver de reencarnar num mundo inferior haverá de trocar as suas vestes de luz (perispírito) por outras mais densas, evitando, assim, o impacto mais forte da luz com as trevas, sem a necessidade de sofrimentos. Certamente que uma alma evoluída, ao trocar suas vestes de luz por outra mais grosseira, promove em si uma verdadeira renúncia, porque passa a sofrer uma agressão do próprio ambiente que aceitou como moradia. No entanto, a sua capacidade de amor ultrapassa todas as investidas do que chamamos de trevas. O mesmo não ocorre com os Espíritos primitivos, que não suportariam viver em mundos altamente evoluídos, perderiam a razão. Ou seja, de nada serviriam suas estadas nesses mundos, e, por isso, seriam inúteis todos os esforços para as reencarnações destes Espíritos em mundos superiores.

Avaliemos alguns textos da Codificação acerca das propriedades do perispírito, de modo a entendermos suas funções:

"O espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, da qual já se suspeitava desde a antiguidade, e que foi designado por Paulo pelo nome de corpo espiritual, isto é, corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabe-se atualmente que esse invólucro é inseparável da alma, que ele é um dos elementos que constituem o ser humano; que é o veículo da transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de elo entre o espírito e a matéria.

O perispírito representa um papel tão importante no organismo, e em uma série de afecções, ***que ele se liga a fisiologia tão bem como a psicologia*** [30]*."*

Vai ficando claro com Kardec que o perispírito desempenha um papel tanto no campo dos automatismos biológicos, que parecem ser dirigidos por esse casamento fluídico corpo-perispírito quanto nas questões intelectuais, ou seja, intermediando as ações inteligentes (espírito) sobre a matéria inerte.

"No perispírito, a transformação molecular ocorre de maneira diferente, uma vez que o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, assim, a sua origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que sob dois estados diferentes.

O perispírito, ou corpo fluídico dos espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico. Ele é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma. Já vimos que o corpo carnal também tem sua origem nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível."

Palhano Jr. [31] colabora com nosso entendimento quando ensina que *as propriedades do perispírito têm sido alvo de estudo por parte de muitos espíritas, e hoje se sabe que ele tem peso específico em seu mundo de relação; pode emitir luz, quando penetra em esferas inferiores à sua; é muito sensível ao pensamento quanto à sua forma, sendo extremamente plástico; emite diversos tipos de raios, inclusive curativos e restauradores (...),* o que leva a crer que nosso pensamento dirige as forças magnéticas que vão dar as características gerais de nosso corpo espiritual,
bem como que nossas ações e sentimentos levados a efeito quando na carne, marcarão este outro corpo, de tal maneira a nos apresentarmos no Mundo Espiritual conforme tiverem sido o conjunto ou a média de nosso

comportamento. Vejamos como no caso de André é feito um estudo de suas escolhas, através da "leitura do perispírito":

> "(...) Já observou, meu amigo, que seu fígado foi maltratado pela sua própria ação; que os rins foram esquecidos, com terrível menosprezo as dádivas sagradas?
>
> (...) Todo aparelho gástrico foi destruído a custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essências. Como vê, o suicídio é incontestável [32]."

O médico da colônia, Henrique de Luna, faz André observar em seu próprio corpo espiritual, as consequências de suas ações e escolhas, visto que, enquanto no estado de erraticidade, o Espírito conserva "órgãos" no perispírito, de modo a auxiliar nos moldes dos corpos futuros, alinhavando as questões genéticas gerais que caracterizarão o futuro corpo em conformidade com as necessidades do Espírito. É o que argumenta Joanna de Ângelis [33]:

> *"(...)veículo condutor das sensações físicas na direção do espírito e vice-versa, mensageiro das respostas ou impulsos deste no rumo do soma, esse corpo semimaterial, depositário das forças impregnantes das células, constitui excelente campo plástico de que se utiliza a lei para os imprescindíveis reajustes daqueles que por distração ou falta de siso, desrespeito ou abuso."(...)*

E é também o entendimento que o professor Zalmino Zimmermann traz quando comenta o livro *Nosso Lar* em seu *Perispírito*, pela Editora Allan Kardec:

> *"Sabemos que todo desequilíbrio provocado em nosso pensamento ou atitudes afeta o corpo físico devido à conduta inadequada, seja ela mental (irritabilidade, cólera, tristeza) ou de maus hábitos como os vícios (gula, drogas, cigarro, alcoolismo, etc.), isso tudo provocará desarmonia em nosso perispírito, pois este funciona como uma espécie de esponja, absorvendo a lesão orgânica. Portanto, as enfermidades provocadas ou agravadas pelo vício permanecerão em nosso corpo espiritual (perispírito), por algum período após a morte, requerendo tratamento no plano espiritual. Essas marcas no perispírito só serão sanadas em algumas encarnações, por um processo inverso, onde o perispírito lesado plasmará no novo corpo uma falha, uma fragilidade, vez que o perispírito é o molde do corpo físico".*

Podemos entender com a Doutrina Espírita, então, que o perispírito, além de ser o agente transmissor em mão dupla espírito-corpo e corpo-espírito, é ainda o responsável pelos registros, encarnação a encarnação, pela moldagem dos novos corpos de acordo com as necessidades que o espírito percebeu ter na erraticidade e que arrasta para a Terra [34].



2

PARTE

Repercussões do outro Lado



O Mundo Espiritual

"Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver."

Allan Kardec, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap 2, item 5.

Há uma pertinência e uma urgência nesta segunda parte de nosso livro!

A pertinência está na percepção de que ter uma visão de vida futura concorre para que o homem dirija seus pensamentos para aquilo que está por vir, já que é certo para nós que há outra vida por vir, a real, a no mundo dos espíritos. A urgência está no fato de que nem sempre (ou quase nunca) nos dizemos preparados para esta partida. Estudaremos aqui as reações comuns quando da desencarnação, e as saídas que temos para, desde já, antecipar no que for possível as referências de vida futura em nós, em nossa vida prática.

Léon Denis, o filósofo da Doutrina Espírita, nos apresenta, em *O Grande Enigma*, a ideia de realidade. Diz ele que só tem existência real o que pode existir para sempre, ou seja, aquilo que nenhuma destruição alcança. E conclui o autor pela certeza de que somente Deus e nós estamos nessa condição. Mas por que mesmo sabendo disso, muitas vezes nossa vida ainda se concentra nos interesses e referências terrenos em detrimento daquilo que nos eleva espiritualmente?

Queremos arriscar, que lá no fundo de nós ainda existe um problema de lugar, pois havendo alguma dúvida do nosso destino, alguma semelhança com o fatalismo católico em nossa visão de mundo, se tivermos inseguros quanto ao "quê" e "como" será a vida futura, nossa tendência é de apego à vida presente, pois ela volta a aparecer como se a fosse a única.

O problema do lugar

Durante séculos e séculos, influenciados por outros bancos religiosos e filosóficos, idealizamos uma eternidade de penas ou alegrias sempre correspondentes àquilo que as legislações humanas nos apresentam como símbolo de justiça. Castigo, pecado, pudor, culpa, são valores ainda arraigados em nós e dos quais hoje, como espíritas, lutamos para nos desprender.

Vejamos com Kardec como fica então nosso destino imediato à desencarnação da Terra:

O Livro dos Espíritos, q. 1.012? Existe um lugar circunscrito no Universo destinado às penas e gozos dos Espíritos, de acordo com seus méritos?

> "Já respondemos a esta pergunta. As penas e gozos são inerentes ao grau de perfeição dos Espíritos; *cada um haure em si mesmo o princípio* de sua própria felicidade ou infelicidade; e como eles estão por toda a parte, nenhum lugar circunscrito ou fechado está destinado, especialmente, a uma ou outra coisa."

Estamos conscientes disto? Cada um haure em si mesmo o princípio da felicidade ou da infelicidade! Poderíamos, a partir deste princípio, falar tranquilamente em umbral na Terra, assim como de céu no coração. Não há, segundo a Doutrina Espírita, em sua pesquisa com as personalidades desencarnadas, regiões geograficamente definidas para o sofrimento da alma humana após a vida na carne! Isso seria o mesmo conceito católico de inferno. Não há punição após um pecado cometido, mas tão só as consequências diretas dos atos cometidos, que de acordo com a Lei de Deus nos coloca diante do que mais nos aflige e assola para que em tomando

horror do mal, caminhemos na direção de Deus, da perfeição. Sob este aspecto, vejamos o que nos diz Kardec:

> "A felicidade esta na razão do progresso realizado; de modo que, de dois espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente porque ele não é tão avançado intelectual e moralmente, *sem que eles tenham necessidade de estar cada um em lugar diferente*."

Sendo a felicidade dos espíritos inerente às qualidades que possuem, *eles a colhem por toda a parte onde se encontrem*, seja na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no Espaço.

A felicidade está ligada às próprias qualidades dos indivíduos e *não ao estado material do meio em que se encontram* [35]".

Definitivamente, enquanto espíritos, somos seres fora do tempo-espaço, ou seja, não necessitamos de um condicionamento exterior, de espaço, para darmos conta dos sentimentos que nos caracterizam. Alguém pode ser profundamente feliz em um ambiente inóspito, bem como outra criatura pode sentir-se triste e sombria em um lugar aparentemente de luz e paz. Somos os criadores de nossos campos mentais e isso dá à nossa produção intelectual o tônus daquilo de que queremos nos vitalizar. Escolhemos a negatividade? Então teremos um pequeno inferno para digerir! Definimos como de esperança e amor nossos caminhos? Estaremos em paz seja onde for!

Mas então o que a Doutrina Espírita chama de Mundo Espiritual, se não é o local circunscrito para felicidade ou infelicidade da alma? É o problema de que trata ainda a rica questão 1.012:

O Livro dos Espíritos, q. 1.012, a) Assim sendo, o inferno e o paraíso não existiriam, tais como o homem os representa?

> "São apenas figuras: por toda a parte, há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, como também já o dissemos, *os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia* (...)

O que vem a ser essa reunião por simpatia após a morte do corpo físico? Onde ela se dá? Com que fim? Onde e de que modo vivem os Espíritos durante a chamada erraticidade?

> "Aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece nos burgos terrestres, característicos das metrópoles ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e em benefício dos outros [36] [37]".

Allan Kardec chamou de erraticidade o tempo entre uma e outra encarnação, em que o espírito se avalia e planeja as próximas experiências na matéria densa. Esses momentos precisam se dar em obediência às leis de sintonia e afinidade, através das quais os espíritos afins se agrupam em regiões transitórias, plasmadas pelos pensamentos dos Bons Espíritos que, por respeito à nossa característica espiritual de hoje, mantêm organizações no Espaço típicas das cidades terrenas, em que vivemos a planejar e organizar as futuras reencarnações.

Preciso é dizer que essas cidades espirituais se organizam tanto neste sentido que tratamos como também outras são erguidas por aqueles espíritos que ainda vinculados ao mal transitório estabelecem seus processos de vingança e perseguição, estando tudo no cabimento de Deus que aguarda sempre o tempo necessário para que seu filho se arrependa e siga!

O Umbral não é o inferno

André Luiz descreve algumas dessas paisagens em que espíritos ainda maus se lançam a empreendimentos discutíveis, mas que, por serem profundamente intelectualizados, vão agindo até o limite que a Lei lhes impõe. Estudemos de que natureza são esses "lugares" [38]:

"E porque o pensamento é força criativa e aglutinante na criatura consciente em plena Criação, as imagens plasmadas pelo mal, à custa da energia inalienável e imanente, servem para a formação das paisagens regenerativas em que a alma alucinada pelos próprios remorsos e detida em sua marcha, ilhando-se nas consequências dos próprios delitos, em lugares que, retendo a associação de centenas e milhares de transviados, se transformam em verdadeiros continentes de angústia, *filtros de aflição e de dor*, em que a loucura ou a crueldade, juguladas pelo sofrimento que geram

para si mesmas, se rendem lentamente ao raciocínio equilibrado, para a readmissão indispensável ao trabalho remissor [39]".

Outra importante informação que nos dá o benfeitor é a da proporção de seres que, por conta de seus interesses extremamente materializados, precisam ainda de zonas expurgatoriais após a desencarnação:

"No Plano Espiritual imediato à experiência física, as sociedades humanas desencarnadas, em quase dois terços, permanecem naturalmente jungidas, de alguma sorte, aos interesses terrenos [40]".

O que é o Umbral então? Trata-se de região transitória formada e mantida pelos pensamentos extremamente materialistas que predominam na Terra dos homens e que plasmam, por assim dizer, uma reunião de mentes com as mesmas perspectivas ou a falta delas. Veremos, no estudo de *Nosso Lar*, que o Umbral começa na Terra, pela soma dos pensamentos médios dos humanos, ainda arraigados ao egoísmo e aos seus interesses particularistas. Não é exato dizer que André "foi para o Umbral", pois pelo estilo de vida que levou, ele vivia na Terra já no Umbral, assim como é possível viver-se na Terra, em meio às lutas acerbas, estando mentalmente pacificado e, portanto, fora do Umbral.

Não podemos transformar um estado de consciência, fruto das escolhas morais que cada um faz para sua vida, em uma localidade com fronteiras ou limites. Ao contrário da leitura que alguns fazem da Obra de André, não há ali uma materialização excessiva do Mundo Espiritual, mas a revelação de como a vida continua à semelhança desta, refletindo as posições em que nos colocamos na Terra, por fruto de nosso livre-arbítrio:

"Estava reservado ao Espiritismo dar, sobre todas essas coisas, a explicação mais racional, mais grandiosa e ao mesmo tempo, mais consoladora para a Humanidade. Pode-se dizer, assim, *que trazemos, em nós mesmos, nosso inferno e nosso paraíso*; nosso purgatório, nós o encontramos na nossa encarnação, nas vidas corporais ou físicas [41]".

Que, enquanto espíritas, entendidos deste processo, possamos então deixar de enxergar o Umbral como um lugar à semelhança do inferno, circunscrito e localizado, para vê-lo como um produto da alma, o que atende às

pesquisas que Allan Kardec realizou, e que o levaram a uma importante conclusão:

"Interrogamos, aos milhares, espíritos que pertenceram a todas as classes da sociedade, a todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos de sua vida espiritual, desde o instante em que deixaram seus corpos; nós os seguimos, passo a passo (…) Ora, sempre vimos que os sofrimentos estão relacionados com a conduta cujas consequências eles experimentam [42]"(...)

O que é o Umbral então?

Acertados sobre o que o Umbral não pode ser, vejamos pela conceituação de André Luiz o que é o Umbral.

Nosso Lar conceitua essa zona espiritual como uma psicosfera da Terra, ou seja, trata-se da soma da média dos pensamentos e sentimentos dos habitantes do planeta. Como vimos bem acima, a Bondade de Deus permite que organizações espirituais de objetivos próprios caracterizem a erraticidade, de modo a respeitar as referências de quem esteve e estará encarnado. O Umbral é uma dessas organizações, formada, no entanto, das emanações negativas de quantos de nós! Diz André que seria uma zona obscura, de quantos no mundo não cumpriram os deveres sagrados, e abandonando as responsabilidades numa vida de revolta e concentração excessiva nos desejos mais materiais possíveis. Ele nos ensina ainda que é pelo pensamento que os Espíritos ali se encontram e acham seus semelhantes, vendo-se mergulhados num exercício de expurgo de determinados resíduos, que precisam ser esgotados para que o ser se desligue de seus apegos profundos à vaidade e ao orgulho terrestres.

Veja bem, nada em termos de Umbral passa por castigo, por determinismo divino para o pecador. No dia em que nós, moradores da Terra, vibrarmos em nível de maior elevação moral, essa região deixa de fazer sentido. Portanto, o Umbral é transitório e não uma região destinada ao sofrimento irremediável. Não se trata disso, mas de uma oportunidade que Deus oferece

àqueles que precisam, ainda, se encontrar, conforme ocorre no caso de André, que veremos no capítulo a seguir.





Percepções dos espíritos: um estudo de casos [43]

"Quando um espírito diz que sofre, experimenta que tipo de sofrimento?
Angústias morais, que o torturam mais
dolorosamente que os sofrimentos físicos."

O Livro dos Espíritos, item 255.

Nesse capítulo gostaríamos de mergulhar na análise das variações, de espírito para espírito, acerca das percepções no Mundo Espiritual. Tudo indica, pelas diversas entrevistas realizadas em *O Céu e o Inferno* e outras obras complementares sérias, que não há uma desencarnação como a outra e também parece variar no número de indivíduos os níveis de percepções e a natureza das sensações das inteligências desencarnadas.

Para que fique didática a conclusão a que se chega com a Doutrina Espírita, faremos uma comparação, com finalidade absolutamente pedagógica, sem que haja aqui nenhum interesse de enaltecer qualquer personalidade ou menos ainda de denegrir com julgamentos a experiência de André Luiz. É o que estamos chamando de estudo de casos.

O caso André Luiz

"*Eu guardava a impressão de haver perdido a ideia de tempo. A noção de espaço esvaíra-se-me de há muito. Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos (...) A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alvacenta, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe (...) Perdera toda a noção de rumo. O receio do ignoto e o pavor da treva absorviam me todas as faculdades de raciocínio, logo que me desprendera dos últimos laços físicos, em pleno sepulcro! Atormentava-me a consciência: preferiria a ausência total da razão, o não ser (...)*

Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era tarde.

Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida. A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. Irritavam-me, aniquilavam-me a possibilidade de concatenar ideias. Desejava ponderar maduramente a situação, esquadrinhar razões e estabelecer novas diretrizes ao pensamento, mas aquelas vozes, aqueles lamentos misturados de acusações nominais, desnorteavam-me irremediavelmente.

Perguntando-me a mim mesmo se não enlouquecera, encontrava a consciência vigilante, esclarecendo-me que continuava a ser eu mesmo, com o sentimento e a cultura colhidos na experiência material.

Eram quadros de estarrecer! Acentuava-se o desalento. Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa ideia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. Médico extremamente arraigado ao negativismo da minha geração, impunha-se-me atitude renovadora. Tornava-se imprescindível confessar a falência do amor próprio, a que me consagrara orgulhoso. E, quando as energias me faltaram de todo, quando me senti absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedi ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência [44]."

Como podemos notar, André estava absolutamente perdido, sem noção exata do que acontecia consigo, a tal ponto que perdeu a noção de tempo e de espaço, vendo-se abandonado em algum lugar um tanto úmido, sempre nublado, insalubre. Sua visão ao derredor era de profundo sofrimento, sem necessário atendimento às necessidades mais básicas, no campo da higiene, da alimentação, da conservação em geral.

Chega a afirmar que se questionava muitas vezes se estava louco, gritando realmente como dementado, mas em seguida concluía que continuava ele mesmo, apesar do medo ser o sentimento predominante, senão o único naquela hora. Mas perceber que pensava o incomodava, preferia ele a ausência de raciocínio, diz que gostaria de "não ser", apesar de continuar "sendo". Sofria! E sofria a num ponto, digamos, "físico", já que a fome o torturava e a sede era escaldante. Suas sensações eram as de um encarnado, apesar de estar consciente de que, como ele diz, "não pertencia ao número dos encarnados no mundo".

Além disso, a descrição reproduzida destaca que mais irritante e doloroso do que todos esses ângulos da estadia de André no Umbral eram mesmo as perseguições que seguia por parte de outros espíritos ali presentes, ora com gritos e lamentos, ora com acusações acerca do seu próprio nome, o que o desnorteava e abatia crescentemente.

Precisamos, ao longo desse mergulho em *Nosso Lar*, fazermo-nos a pergunta urgente: que situação era essa de André? Estava ele de castigo? Sofria dores físicas? Se sim, de que natureza, já que não tinha mais o corpo de carne?

Para essa parte da solução, precisamos retomar o item 257 de *O Livro dos Espíritos*, à semelhança do que fizemos na 1a parte do livro, a fim de compreendermos com Kardec:

> "(...) A dor que sentem não é, pois, propriamente, uma dor física: é um sentimento íntimo, do qual o próprio Espírito nem sempre se apercebe com clareza, precisamente porque a dor não é localizada e porque não é produzida por agentes exteriores (...) [45]"

Kardec nos faz entender que as "dores" sentidas pelo Espírito após a desencarnação podem ser de pelo menos duas origens: *i) reminiscências do que sentia quando encarnado, que lhe acometem a mente quando rememora, produzindo efeitos no conjunto do perispírito e produzindo sensações; ii) resultado dos elos que ainda prendem o espírito à matéria, provocando no desencarnado um pouco mais do que lembranças de outrora, já que em alguns*

casos eles se queixam de dores que não experimentaram no corpo, não tendo assim a memória daquele sofrimento.

Parece simples, então, a compreensão de que, sendo o perispírito o agente das sensações e percepções do Espírito, mesmo desencarnado possuía ele a capacidade de sentir. Devemos acrescentar, contudo, um parênteses que Kardec faz: essa sensação só por analogia pode ser compreendida como a compreendemos no corpo, visto que não são nunca a mesma coisa quando fora da matéria. Mas conforme o próprio item afirma, o Espírito não só percebe como o faz melhor, visto que não está limitado pelos canais da matéria, ouvindo sons e vendo cores impossíveis quando no corpo.

Também é fácil identificar que o que André sofria não era reminiscência de quando esteve na carne, ou não somente isso. A tese explicaria a fome, a sede, mas não o estado de semidemência em que estava, a perda da noção de tempo e espaço e as objurgatórias incessantes, que parecem ter um fundo moral.

Resta então, corroborando a tese de Kardec, que havia elos em André que o "prendiam à matéria". Mas que elos são esses? Trata-se de um desligamento incompleto do corpo, pelo qual o Espírito permaneça sentindo o que o corpo morto sofre? Não pode ser assim, certo?! Em primeiro lugar porque depois de certo tempo (estima-se que em três anos no máximo) um corpo humano já está completamente decomposto, não sendo possível ter sensações relativas a algo que já não existe mais; em segundo lugar porque nada na descrição de André nos deixa entender que ele estivesse em estado de perturbação (aquele conceituado por Kardec) [46], como consequência natural, pela qual todo processo de desencarnação faz o Espírito passar. Kardec chama atenção para uma característica básica desse estado, no qual André reconhece não estar: inconsciência de si mesmo. André Luiz diz que o que o incomodava era justamente estar consciente de si.

Se não pode ser um elo físico (perispiritual) o que lhe prende à matéria, que processo se dá? Vejamos:

> "*Vimos que seus sofrimentos são o resultado dos elos que ainda existem entre ele e a matéria; que quanto mais liberto da influência da matéria, ou melhor, quanto mais desmaterializado, menos sensações penosas experimentará; ora, depende dele o libertar-se dessa influência, desde esta vida; ele tem seu livre-arbítrio e, por conseguinte, a escolha entre fazer e não fazer; que ele dome suas paixões animais, que não tenha ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; que não seja dominado pelo egoísmo; que purifique sua alma, através dos bons sentimentos; que faça o bem; que não dê as coisas deste mundo senão a importância que merecem"(...)*

O codificador não nos deixa espaço para interpretarmos tais prisões como definitivas ou deterministas, visto que conclui nesse item 257, por questões absolutamente morais, comportamentais. Tudo indica que conforme se vive, se morre; que de acordo com a vida que levamos, encontramos isto ou aquilo no Mundo Espiritual, sendo esse um estado profundo de autoenxergamento, pelo qual nos vemos e vamos tomando horror de nós mesmos, até a reflexão que precede o despertamento. No caso de André narrado acima, vemos que sua "saída" foi a prece, a lembrança de que Deus existe, é bom e não desampara seus filhos.

Dito isto, passemos a um exemplo contrário, através do qual não queremos destacar especificamente uma personalidade, mas avaliarmos o quanto que o estilo de vida que se leva na Terra tem influência sobre as paisagens que construímos em nossa mente, que permanece tal qual é após o trespasse.

O que não foi tão simples concluir é que as descrições de André não são de questões "físicas" (perispirituais) ou ao menos não exclusivamente. Explicando a pergunta a que nos fizemos: André descreve em seu tempo de Umbral um sofrimento exclusivamente perispiritual, consequente ao ambiente em que estava? Não! É a resposta a que chegamos. Vejamos com os textos:

O caso Neuza Trindade

Neuza Trindade foi, por um pouco mais de 80 anos, uma trabalhadora. Era espírita militante, foi médium ostensiva, ativa, dedicada, cristã em uma palavra. Auxiliou na fundação de um Centro Espírita e foi uma das estacas dele durante 50 anos. Contudo, não foi a tarefa mediúnica, não foi o fato de

ser espírita que a credenciou, necessariamente, para o acerto. Quais foram, então, os critérios? Para isso, precisamos passar pela narrativa de sua desencarnação, a fim de também avaliarmos os itens que miramos no caso de André. Quando o fazemos, descobrimos um importante detalhe que ajuda na solução do nosso problema. Leiamos então um autorretrato dessa trabalhadora, visto que a sua experiência fora trazida por ela mesma, hoje desencarnada:

> "*Fui convidada pelo nosso querido Dr. Hermann* [47] *a me expressar na noite de hoje. Vim para cá de surpresa, de repente, sem ter consciência, como ser encarnado, que aquele seria o último sábado em que entraria com meu antigo corpo nesta Casa Espírita amada por todos nós. Se como encarnada não sabia, como Espírito depois recordei já ter sido preparada para tal. Não há surpresa real, mas tão só o esquecimento dos avisos e preparos. O que relatarei foi inerente ao meu caso.*
>
> *Quando o coração parou de bater senti como que um baque íntimo. Não foi dor, mas algo como uma pressão, uma sensação de que perdia o controle da situação. Algo que comparei ao que se sente quando despertamos de um sonho em que parecíamos cair, sem muita noção ou referência mesmo.*
>
> *Com o conhecimento espírita pensei: 'Estou desencarnando' e devo confessar a vocês que na hora bate um sentimento de perda, pensamos nos que ficam. Afinal, quem cuidaria agora da irmã, do esposo, da casa, de tudo?! Mas nesse momento foi como se a consciência falasse: 'não foi para isso que te preparaste a vida inteira'? Isto me serenou e me ajudou a orar.*
>
> *Passadas algumas horas, agora mais serena, me mantinha na sala, como quem repousa, como quem cochila. Ouvia toda uma azáfama em torno do quarto em que estava meu corpo, já que chegavam os familiares, os amigos. Mas eu não atinava muito com o que ocorria naquele momento, tudo era uma sensação de leveza, mas ao mesmo tempo eu não reagia muito, assim como quando tomamos um remédio para dormir, mas ainda não pegamos no sono, então estamos meio que dormindo, meio que acordado, sabem?*
>
> *Confesso a vocês que não percebi os guias espirituais de pronto, de imediato. Somente com o passar das horas é que adormeci, para ser acordada no mesmo local por um benfeitor querido ao meu coração, dizendo: 'Neuza vamos lá ver as últimas homenagens de seus amigos a você'. Deixei-me conduzir por ele junto a todos, junto ao meu corpo, próximo ao horário do sepultamento. Só aí é que fui perceber o carinho de amigos e dos entes queridos, foi aí que senti na alma as vibrações que emanavam de todos vocês. E quando tudo acabou pude perceber e abraçar Altivo, Cidinha, Gildo, Elvira* [48] *e tantos outros amigos com os quais convivi nesta Casa que ajudamos e onde fomos ajudados. Vi benfeitores que quando encarnada vi – muitas vezes – pela mediunidade da vidência, que me era fácil.*
>
> *Após todo o alvoroço íntimo que começou desde a hora em que o coração parou de bater foi que pude perceber algo que comentei com os benfeitores: 'Nem senti que morri' e sorri junto a todos,*

como sempre gostei de fazer, seguindo com eles nesta hora à região de refazimento.

Trabalhem, queridos amigos, pois o trabalho suaviza as agruras da morte e nos torna aptos a vencermos, ao menos com desapego, no Mundo Espiritual.

Sou sempre a tia Neuza, a Neuza Trindade [49]*".*

Sem desejar minimizar o debate ou diminuir excessivamente o espaço de interpretação, somos forçados a concluir pela desmaterialização como solução para que, no Mundo Espiritual, o tom geral das percepções do espírito seja de mais delicadeza do que de impressões materializadas que sua mente continua a produzir por seu apego à experiência na carne. Parece, na comparação aqui proposta, que o fator primordial para a chegada, o mais lúcida possível, ao Mundo Espiritual é o estilo de vida que cada um leva, ou melhor, as escolhas morais que fazemos. Vejamos o que diz Kardec sobre esse processo de elevação das percepções:

"Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual, o perispírito se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das suas percepções, de onde é mais fácil compreender que a ampliação de todas as suas faculdades acompanha o progresso do espírito [50]".

Não pregamos uma angelitude antes da hora aprazada, até porque é impossível, mas a vigilância em prol da execução das receitas que sabemos funcionam para nosso progresso. Atenção à indicação do Espírito comunicante, no caso Neuza Trindade, que assevera "*trabalhem, pois o trabalho suaviza as agruras da morte*". É natural que ela não esteja aqui falando das ocupações materiais dos encarnados, mas do trabalho de si, consigo, através do próximo.

Veremos no capítulo adiante que até para recebermos a necessária ajuda no Mundo Espiritual é preciso certo esforço. Vejam que apesar das preocupações naturais com os que ficariam na retaguarda, sofrendo as vicissitudes da vida; apesar das primeiras sensações do desconhecido, o Espírito Neuza se recupera e percebe logo os mentores espirituais, a ponto de equilibrar-se o suficiente para participar, na necrópole, dos momentos finais do sepultamento de seu corpo.

Há aí um pulo do gato! Uma ferramenta, que segundo nos ensina André Luiz, é essencial ao recebimento da ajuda de que todos somos merecedores. Vejamos qual seja!





A adesão mental

"Não é possível acender luz em candeia
sem óleo e sem pavio."

André Luiz, *Nosso Lar*, cap. 16.

Religião? Inteligência? Cultura? Que fator prevalece para que, quando chegados ao Mundo Espiritual percebamos a ajuda sem demora?

"*Precisamos da adesão mental de Laerte, para conseguir levantá-lo e abrir-lhe a visão espiritual. No entanto, o pobrezinho permanece inativo em si mesmo, entre a indiferença e a revolta.*"

A resposta à nossa pergunta é **adesão mental**! Não podemos perder de vista que as intervenções do amor de Deus não são um privilégio religioso, cultural ou fruto do conhecimento formal sobre a Terra.

Quando lembramos do caso de André Luiz, vemos que ele não estava sozinho em meio às dores que criou para si, com sua indiferença para com a vida e para com todos. Teve o cuidado próximo de sua mãezinha, um Espírito de largas condições no campo do sentimento cristão. Mas conforme lemos acima, ele não esteve sintonizado o suficiente para perceber a ajuda que, digamos, sempre esteve ali. O benfeitor Emmanuel apresenta interessante metáfora para a questão que abordamos aqui: "O Sol está sempre com o verme, sem que o verme perceba o Sol", em outras palavras,

não há adesão da parte do verme, o que é muito justo, já que ele não tem condições de tomar essa consciência. No nosso caso, no entanto, desde já, mas principalmente no Mundo Espiritual, estamos em plenas condições de perceber o Sol, mas nem sempre é assim. Para André não foi simples perceber:

> *"(...) sua mãe o tem ajudado dia e noite, desde a crise que antecipou sua vinda. Ela jamais desanimou. Intercedeu, muitas vezes, em Nosso Lar, a seu favor. Rogou os bons ofícios de Clarêncio, que começou a visitá-lo, frequentemente (...)"*
>
> "(...) *Clarêncio não teve dificuldade em localizá-lo, atendendo aos apelos de sua carinhosa genitora da Terra; você, porém, demorou muito a encontrar Clarêncio* [51]".

Ora, André Luiz era visitado diretamente por Clarêncio, um dos ministros de Nosso Lar, portanto alguém de muitas ocupações e tarefas. Não se trata de ter ou não ajuda! Todos a temos. A questão em análise é o esforço pessoal para sair do esgotamento em que nos deixamos conduzir pela vida exageradamente materializada, e respirar acima da superfície de nossa própria dor. Quando fazemos isso, aderimos ao bem, ao amor, ao suporte que Deus nos oferece. É o que na explicação de
Lísias ele chama de "deixar surgir o filho de Deus":

> *"(...) até que o médico da Terra, vaidoso, se afastasse um tanto, a fim de surgir o filho de Deus."*

E que fator o fez sintonizar? Se voltarmos ao livro veremos que André chegou ao fundo do poço de si mesmo, concluindo que era pequeno demais para resolver sozinho, esticando o olhar aos céus e afastando todo o orgulho que o distanciava da solução, conforme vimos acima. A sintonia começou quando André pela primeira vez vislumbrou outra esfera de ações que não suas questões materiais de sempre. Pensamos que é o que ele deseja dizer com "afastar o médico da Terra"! Quantas vezes no apegamos excessivamente a títulos e convenções terrenos e por isso nem nos damos conta das questões dos céus, da alma, de Deus?

Ora, uma pergunta não pode deixar de ser feita: André Luiz precisava ficar por oito anos no Umbral? Claro que não! Se fosse esse um tempo

predeterminado, seria castigo divino. E isso não existe! Esse tempo foi o que André precisou para perceber-se, para enxergar suas necessidades e, sobretudo, sair de si, buscando a Deus.

O Umbral, além de não ser castigo, deve ser visto como um profundo ato da misericórdia de Deus, que entregando o Espírito aos seus próprios pensamentos e escolhas, ajuda-o, mesmo que no limite de sua capacidade-suporte, é verdade, a tomar horror ao mal e olhar para o Alto! Ah! bendita oração, que teve e tem o poder de nos elevar para fora de nós mesmos e nos unir àquele que está sempre pronto para nosso arrependimento:

> "*(...) E quando sua mãezinha soube que o filho havia rasgado os véus escuros com o auxílio da oração, chorou de alegria, segundo me contaram* [52]".

A Doutrina Espírita não prega a dor como solução, ao contrário, bom seria que nossos aprendizados fossem, em sua maioria, através do santo amor, que sempre nos guarda a salvo de dores maiores se soubermos agir em conformidade com a Lei de Deus, que é sempre o rumo da nossa felicidade. Mas, convenhamos, somos rebeldes, e quase sempre preferimos bater cabeça, insistir em um ponto que já vimos dar errado e por isso a não menos santa dor nos vem fazer recordar de que precisamos deixar de infantilidade e crescer.

O tempo que André passou no Umbral é uma conta intransferível, aliás como a sua e a minha são também contas intransferíveis, deste ou daquele lado. Não comparemos as experiências, mas tão só tiremos do aprendizado de André o necessário para seguirmos mais rapidamente no rumo da nossa própria felicidade. Veremos no próximo capítulo como que, no caso de desvios, é essencial arrepender-se e seguir!



Arrependimento e conscientização

"É indispensável criar pensamentos novos e disciplinar os lábios. Somente conseguiremos equilíbrio, abrindo o coração ao Sol da Divindade."

Nosso Lar, capítulo 6.

Quem nunca se arrependeu de algo que tenha feito? Quem nunca pensou um pouco mais após um ato cometido e, se pudesse voltar no tempo, faria diferente? Com certeza, ao nos perguntarmos sobre isso, muitos de nós vamos, em pensamento, até determinados acontecimentos em nossas vidas, que nos fazem reviver sensações que em diversas ocasiões foram sentimentos de culpa. Neste capítulo falaremos sobre arrependimento: um sentimento real vivenciado pela maioria dos seres humanos, que faz doer em nossas almas, faz querer mudar o passado e refazer o que infelizmente já foi feito de maneira equivocada. Mas também falaremos de conscientização e como esse estado mental nos auxilia não só a nos arrepender de algo, mas também nos ajuda a fazer, a partir de agora, algo diferente. Não temos aqui nenhuma pretensão de julgarmos ou de apontarmos comportamentos melhores ou piores. Nosso objetivo é refletir esse tema sob a luz da Doutrina Espírita, olhando também os exemplos que André Luiz nos trouxe em *Nosso Lar* e como levamos esse conhecimento para nossas vidas. Em nosso dia a dia nos arrependemos? E o que seria conscientizar-nos sobre nossas ações?

Segundo o dicionário *Michaelis,* a palavra arrependimento tem os seguintes significados: **1.** Ato de arrepender-se; pesar sincero de algum ato ou omissão. **2.** Contrição. **3.** Mudança de deliberação. **4.** Desistência de coisa feita ou empreendida.

Na mesma fonte temos os significados das palavras Consciência e Conscientizar onde para a primeira temos: **1.** Capacidade que o homem tem de conhecer valores e mandamentos morais e aplicá-los nas diferentes situações. **2.** ***Religião*** Testemunho ou julgamento secreto da alma, aprovando ou reprovando os nossos atos. **3.** Cuidado extremo com que se executa um trabalho. **4.** Honradez, retidão. **5.** Conhecimento. **6.** ***Psicologia.*** Percepção imediata da própria experiência; capacidade de percepção em geral.

Para Conscientizar temos: **1.** Tomar consciência de, ter conhecimento de: ***Conscientizou a gravidade da situação.***

Daí, meus amigos, podemos nos perguntar: as sensações de conscientizar-se e arrepender-se estão sempre ligadas? Com certeza, esse raciocínio assim se constrói pelas nossas próprias experiências de equívocos, consciência e tomada de juízo e, depois, culpa, arrependimento em qualquer nível que seja. Mas será que essas sensações que, de certa forma denotam ações do pensamento que incidem em nós mesmos, têm um tempo certo para acontecer? Bem, sob a ótica da Doutrina Espírita, os espíritos sempre nos apresentam reflexões que abrangem grande parte de nossos conflitos diários, ou melhor, de nossos conflitos como espíritos imortais, ainda imperfeitos dentro do que Deus tem para nós como plano de evolução. O Pai é misericordioso, justo e bom e por isso nos oferece oportunidades de aprendizado constantemente. Basta analisarmos, por exemplo, a própria lei da reencarnação que nos permite voltar à carne em busca de reparar aquilo que não nos atentamos e acabamos por deixar o orgulho e o egoísmo falarem mais alto em nossas atitudes.

Estejamos atentos a nós mesmos

Em *Nosso Lar*, depois de muito perambular pelas zonas ditas trevosas, completamente perdido e sem noção do tempo e do espaço, André Luiz lembra-se de Deus em um momento de muito sofrimento nas zonas umbralinas e, ao fazer uma oração verdadeiramente sincera de todo o seu coração ele consegue enxergar a ajuda dos amigos espirituais, que ali já estavam há muito tempo e, assim, é resgatado:

> "*E, quando as energias me faltaram de todo, quando me sentia absolutamente colado ao lodo da Terra, sem forças para reerguer-me, pedia ao Supremo Autor da Natureza me estendesse mãos paternais, em tão amargurosa emergência* [53]".

Contudo, mesmo tendo estado por oito anos terrestres em estado de tanta penúria, ele não conseguiu, a princípio, compreender as causas de ali estar naquela conjuntura e achava absurdo ter sido identificado como suicida não só pelos espíritos que lhe eram simpáticos no Umbral como também pelos espíritos superiores que o resgataram. Não assimilou que por suas próprias atitudes de indiferença, pela inexistência de adesão mental ao Bem, pelo comportamento colérico constante, de profundo orgulho e vaidades, que chegavam ao nível de negar a Deus, o atraíram para aquele contexto tão obscuro, pois era isso que se fazia vibrar em seu coração. A oração lhe foi fundamental para um primeiro contato mais intenso com Deus e para a sua "saída" daquele estado psíquico em que se encontrava por tanto tempo, porém ainda não tinha se dado conta de que tudo ao seu redor fazia parte de suas próprias ações e estados mentais reforçados ao longo de grande parte da vida por suas vivências tão intensas.

E quanto a nós, amigos? Quantas são as ocasiões onde nos encontramos em situação de sofrimento e de dor, mas muitas vezes não nos damos conta de que fomos os causadores de nossos próprios infortúnios? Não percebemos que a semeadura nos foi livre, porque assim Deus nos permite pela lei do livre-arbítrio, contudo nos desligamos de que a colheita seria implacável seja nesta vida, ou em outra reencarnação, seja por virtudes conquistadas ou por darmos ouvidos apenas aos vícios morais como o orgulho e o egoísmo? No capítulo V, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*,

“Bem-aventurados os aflitos”, Kardec, no item 4, chama a atenção quanto às nossas atitudes; fazermos um exercício de autoconhecimento e refletirmos com clareza e sinceridade se não estamos sendo nossos próprios algozes.

> “*Que todos aqueles que têm o coração ferido pelas vicissitudes e decepções da vida interroguem friamente a própria consciência; que procurem, passo a passo, a origem dos males que os afligem, e verifiquem se, na maior parte das vezes, não podem afirmar: Se eu tivesse feito, ou se eu não tivesse feito tal coisa, não me encontraria nesta situação* [54]”.

Voltando a André Luiz, podemos dizer que, assim como muitos de nós, ele não estava atento ao que poderia ter feito de diferente e melhor durante sua vida para não estar em tal situação de escuridão moral. Podemos nos perguntar: “mas será que ele teve alguma religião, orientação ou algum caminho que lhe desse um norte”? Bem, a leitura edificante do livro *Nosso Lar* mostra que o autor da obra teve sim contato com as escrituras sagradas, mas não as buscou com “a luz do coração”. Sem contar que, por ter construído uma renomada carreira na área da Medicina, também conhecia os malefícios orgânicos causados pelos vícios, ainda mais aqueles conhecidamente nocivos ao corpo humano. Mas os amigos espirituais são tão bondosos que nos acolhem de qualquer forma, ainda que estejamos em momento de cegueira quanto a nós mesmos. Eles, de acordo com a Lei do Pai Maior, não julgam nem condenam os que fizeram más escolhas. Eles orientam e permitem que façamos as meditações necessárias no tempo do nosso amadurecimento e compreensão das Leis Divinas. No momento em que nos abrimos para receber a ajuda celestial e elevamos o nosso pensamento, Deus num mesmo instante estende as mãos e nos oferece o socorro demandante.

Conscientizando-se

Ao se encontrar acolhido, com um pouco mais de lucidez, o irmão e espírito de luz, Clarêncio, de maneira muito afável e bondosa, busca através de carinhosas palavras, esclarecê-lo um pouco mais do porquê de sua condição. Explicou que os excessos, sejam eles físicos ou psíquicos (André

acumulava-os), lhe atribuíram a condição de suicida indireto e que se fizesse algumas outras escolhas, poderia ter evitado a morte precoce. Ainda que seu intuito não fosse o de tirar a própria vida, os caminhos que tomou poderiam ter sido outros de maneira a preservar o presente que Deus nos dá da existência no plano carnal. Após toda essa reflexão junto ao amigo de vibrações luminosas, André amplia a percepção de si mesmo naquele momento e conclui:

> "*(...) a bondade exuberante de Clarêncio, a inflexão de*
> *ternura do médico, a calma fraternal do enfermeiro, penetravam-me fundo o espírito. Não me dilacerava o desejo de reação; doía-me a vergonha. E chorei. Rosto entre as mãos, qual menino contrariado e infeliz, pus-me a soluçar com a dor que me parecia irremediável. Não havia como discordar. Henrique de Luna falava com sobejas razões. Por fim, abafando os impulsos vaidosos, reconheci a extensão de minhas leviandades de outros tempos. A falsa noção da dignidade pessoal cedia terreno à justiça. Perante minha visão espiritual só existia, agora, uma realidade torturante: era verdadeiramente um suicida, perdera o ensejo precioso da experiência humana, não passava de náufrago a quem se recolhia por caridade* [55]".

Podemos dizer, amigos, que neste momento sublime, nosso amigo André Luiz conscientizou-se de seus "tropeços" enquanto encarnado. Compreendeu o quanto se estendeu na busca apenas do próprio prazer esquecendo-se do que é realmente importante para o espírito, para a verdadeira vida. Enxergou que deu mais atenção ao que é passageiro e sem objetivo maior que não satisfazer o próprio orgulho e a própria vaidade. Mas vejam a grande bênção recebida por ele: caiu em si para a realidade espiritual em que se encontrava sua psique, seu estado mental. Por mais doloroso que tenha sido, nosso amigo pôde agora conscientizar-se de suas ações e assim arrepender-se verdadeiramente, porque entendeu que os caminhos que escolheu não foram os melhores em relação às Leis de Deus, estabelecidas para nossa felicidade. Mas e agora? Será tarde demais? Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec questiona qual a consequência do arrependimento no estado espiritual. E os amigos espirituais respondem:

> "*Desejar o arrependido, uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso aspira a uma nova existência em que possa expiar*

suas faltas [56]*”.*

Ou seja, Deus nos dá uma nova oportunidade para que possamos reparar nossos desvarios. O desejo pela reencarnação para se ajustar com as faltas cometidas é como o filho que pede uma nova chance ao pai para consertar o jarro que deixou quebrar. A alegria maior para o pai não será de ter o jarro consertado, mas sim de sentir no filho o desejo por uma mudança interior e, assim, a procura por uma nova atitude, colando cada pedacinho do jarro, reparando por onde anda e quais os cuidados deverá tomar numa próxima vez. Mas somente a morte do corpo físico pode nos fazer despertar para a nossa realidade espiritual? Devemos assim esperar o término desta vida para avaliarmos as nossas atitudes, conscientizarmo-nos e assim nos arrepender? Kardec também questiona aos espíritos se o arrependimento se dá no estado corporal ou no estado espiritual. E os amigos assim respondem:

“*No estado espiritual; mas, também pode ocorrer no estado corporal, quando bem compreendeis a diferença entre o bem e o mal* [57]”.

Meus irmãos, é notável a diferença que o saber da Doutrina Espírita faz na vivência, desde a simples rotina de encarnado às mais atípicas, da vida dos indivíduos que sabem e buscam sempre aumentar o arsenal de conhecimento interiorizando nos corações as reflexões entendidas. Quantos já não deixaram de cometer uma atitude, muitas vezes comum para o meio social em que se vive, mas que foge às Leis Divinas, por ter o esclarecimento que o Espiritismo nos trouxe? Não por medo ou qualquer tipo de dogmatismo, pois isso não faz parte de uma doutrina que é filosofia, religião e ciência, mas sim porque compreendeu de maneira factual e legítima as diferenças entre o que é o bem e o que é o mal para Deus. Não estamos aqui dizendo que o fato de sermos espíritas nos torna melhores que outrem e nem que apenas o conhecimento da Doutrina Espírita “salva”. Estaríamos sendo injustos não só com o saber das outras religiões, mas também com aqueles que mesmo sem terem uma crença religiosa ou até mesmo sem acreditarem em Deus promovem ações muito mais dignas e cristãs do que

qualquer outro religioso com o rigor da disciplina. É preciso ressaltar apenas que tomar consciência dessa razão e dessa lógica tão elucidativa nos faz reavaliar certos comportamentos e atitudes, pois a noção de vida eterna e da verdadeira vida, que definitivamente não é só a da matéria, se faz presente como uma luz que se acende ante a penúria. Amplia nossa visão de encarnados para a visão de espíritos imortais que somos e nos faz querer desde agora fazer algo para mudar velhos hábitos que ainda estão em nós.

Então, voltando ao que os espíritos responderam para Kardec, o arrependimento também pode acontecer no estado corporal quando compreendemos a diferença entre o bem e o mal. Assim, na medida em que nos esclarecemos, maior fica a percepção das nossas atitudes, maior conscientização vamos tendo e, com isso, o sentimento de arrependimento em relação a algumas ações é comum. Sentimos culpa e remorso, pois percebemos que em algum momento nos equivocamos em relação à Lei. Ih! me arrependi! E aí? O que fazer?

Culpa que paralisa x Atitude renovada

Joanna de Ângelis nos traz alguns esclarecimentos sobre a culpa:

> "*A culpa surge como forma de catarse necessária para a libertação de conflitos. Encontra-se insculpida nos alicerces do espírito e manifesta-se em expressão consciente ou através de complexos mecanismos de autopunição inconsciente* [58]".

Em diversos momentos, amigos, permitimos que a culpa nos paralise e, de uma maneira que nem sempre fica perceptível aos nossos olhos, nos autopunimos ou ficamos em lamentações que geram a sensação de eternidade, ou seja, que nunca iremos nos perdoar ou melhorar como seres humanos e que aquele sofrimento será interminável. André Luiz, ao compreender os danos que causou a si mesmo no plano terreno e àqueles que lhe cercavam como sua própria família, por exemplo, chorou muito e sentiu-se extremamente culpado, arrependido. Contudo, por conta de um excessivo orgulho, a princípio, não conseguia sair daqueles pensamentos nem daquela

dor moral que lhe atormentava, fazendo extensas lamentações a respeito de si e de suas faltas cometidas. Em determinado momento, quando trazia à fala mais uma de suas reclamações, o benfeitor Clarêncio lhe pergunta se queria de fato a cura espiritual e, ao gesto afirmativo do paciente, dá a seguinte orientação:

> "*Aprenda, então, a não falar excessivamente de si mesmo, nem comente a própria dor. Lamentação denota enfermidade mental e enfermidade de curso laborioso e tratamento difícil. É indispensável criar pensamentos novos e disciplinar os lábios. Somente conseguiremos equilíbrio, abrindo o coração ao Sol da Divindade. Classificar o esforço necessário de imposição esmagadora, enxergar padecimentos onde há luta edificante, sói identificar indesejável cegueira d'alma. Quanto mais utilize o verbo por dilatar considerações dolorosas, no círculo da personalidade, mais duros se tornarão os laços que o prendem a lembranças mesquinhas. (...) Estaremos a seu lado para resolver dificuldades presentes e estruturar projetos de futuro, mas não dispomos do tempo para voltar a zonas estéreis de lamentação. Além disso, temos, nesta colônia, o compromisso de aceitar o trabalho mais áspero como bênção de realização, considerando que a Providência desborda amor, enquanto nós vivemos onerados de dívidas. Se deseja permanecer nesta casa de assistência, aprenda a pensar com justeza* [59]".

Quando valorizamos excessivamente nossos problemas e dificuldades, aumentamos as chances de ficarmos presos às reclamações extremamente nebulosas ao horizonte de oportunidades de renovação. A culpa e o remorso são sim precisos e, como disse o espírito de Joanna de Ângelis, aparecem como uma catarse para a libertação de muitos conflitos. Mas a delonga desse momento, principalmente se não acompanhado de uma postura renovadora diante da vida, pode acarretar verdadeiro engessamento perante as novas construções que se pode realizar. Clarêncio, firme – porém afável –, em sua fala, nos alerta que o comportamento lamurioso estendido, não só provoca uma cegueira na alma como também faz aumentar a sensação de sofrimento, enquanto que a busca pela mudança nas oportunidades de trabalhos são bênçãos que o Pai proporciona a todos os filhos mergulhados em seu amor.

Allan Kardec também questiona sobre os objetivos do arrependimento no estado corporal. Os espíritos asseveram:

> "*Fazer que, já na vida atual, o Espírito progrida, se tiver tempo de reparar suas faltas. Quando a consciência o exprobra e lhe mostra uma imperfeição, o homem pode sempre melhorar-se* [60]".

Sendo assim, amigos, quantas oportunidades estamos ganhando quando nos arrependemos ainda encarnados? Podemos sempre nos melhorar em qualquer situação, seja no corpo físico seja na erraticidade, entretanto não seria bênção maior adentrar o plano espiritual com a consciência aliviada das dores causadas por nós mesmos? Com a tranquilidade de que fizemos o melhor, enquanto nos foi possível, e que cada segundo não foi desperdiçado com lastimas? Infelizmente André Luiz não pôde ter essa bênção quando a morte lhe alcançou, mas com a bondade e as virtudes conquistadas por ele ao longo de seu aprendizado no Mundo Espiritual, ele nos deixou o legado de sua história para refletirmos sobre o esforço que se pode fazer hoje em prol do futuro. Não pensando que no momento da morte seremos levados para um lugar melhor, pois isso, dependendo das intenções de quem o faz, seria barganhar com Deus. Fazer algo notavelmente bom em troca de outra coisa melhor esquecendo-se do sentimento verdadeiro de renovação é maquiar de resignação a esperteza mal-intencionada. Podemos sair de nosso bairro, de nossa cidade, de nosso estado, de nosso país, e até mesmo de nosso corpo, mas, onde quer que estejamos, nossa consciência lá estará e se ela estiver anuviada de sofrimentos, lamentações ou culpada pelo tempo perdido, não haverá como fugirmos, nem espíritos superiores arrancarão de nossas mentes essa sensação. Joanna de Ângelis continua a ensinar e confortar:

> "*A existência terrena é toda uma oportunidade para enriquecimento contínuo. Cada instante é ensejo de nova ação propiciadora de crescimento, de conhecimento, de conquista. Saber utilizá-lo é desafio para a criatura que anela pela evolução espiritual. Águas passadas não movem moinhos – afirma o brocardo popular, com sabedoria – As lembranças negativas entorpecem o entusiasmo para as ações edificantes, únicas portadoras de esperança para a liberação da culpa* [61]".

Somos todos os dias desafiados a realizar algo que nos proporcione melhorias no âmbito espiritual. Ao abrir os olhos pela manhã há oportunidades inúmeras desde um "bom-dia" sorridente até o ouvido

caridoso que acolhe a confissão de um irmão em desequilíbrio. Basta questionar a si mesmo "o que posso fazer para ser melhor hoje?" e, junto à oração sincera, pedir para que os amigos espirituais superiores nos intuam durante o dia, tendo como maior exemplo o Senhor Jesus. Ao término do dia, antes do deleite do sono noturno, questionarmos à consciência "quais foram as minhas verdadeiras intenções nas atitudes e pensamentos que tive durante o dia?" e, claro, sem desculpas sermos honestos perante a nossa razão e sentimentos.

Reencarnação: Uma nova chance!

É comum ouvirmos daqueles que não têm o conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita o seguinte questionamento quanto ao compromisso que temos durante a reencarnação: "Se nos arrependemos e temos nesta vida uma nova chance, como iremos saber o que reparar se quando reencarnamos recebemos o véu do esquecimento?" Bem, se cremos que há um Deus que é soberanamente justo, bom e misericordioso, pode-se concluir que nada é por acaso e existe enorme utilidade em esquecermos o passado. Imaginem quantos inconvenientes teríamos se tivéssemos na memória as lembranças de outras vidas! Quanto orgulho e vaidade aguçados, quanta mágoa e desprezo levantados, quanta dificuldade em desenvolver sentimentos melhores, não é mesmo? Mas e então? Como saberemos por onde começar para resgatarmos aquilo que nos fez arrepender em outras vidas ou enquanto estávamos na erraticidade? Kardec faz a seguinte afirmativa quanto ao esquecimento do passado:

> "*Para nos melhorarmos, Deus nos deu exatamente o que necessitamos e o que nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas, tirando-nos o que poderia nos prejudicar* [62]".

Então, observa-se que Deus elaborou a reencarnação de maneira perfeita para que seus filhos se reparem com a Lei. Na pergunta 392 de *O Livro dos Espíritos* é questionado sobre o porquê de o espírito encarnado não ter as lembranças de seu passado. E ali é explicado pelos espíritos que assim Deus

o quer em sua sabedoria, pois sem o passado na memória, o homem é mais senhor de si. Ou seja, ele poderá exercer o seu livre-arbítrio da maneira que achar melhor. Sua consciência estará lá com ele sempre presente lhe dando indicativos do caminho a seguir. Mas o indivíduo poderá escolher se quer ouvi-la ou se prefere ouvir seus desejos mais materiais que sejam.

Essa é a Sabedoria de Deus, meus irmãos! Ele respeita as nossas decisões sem nos abandonar e sem promover castigos ou punições, pois a lei é de Progresso e Ele sabe que um dia cansaremos do mal, cansaremos de apenas ouvir os chamamentos dos prazeres fugazes, os chamamentos para coisas que em nada nos acrescentarão como espíritos imortais, a não ser atrasos em nossa evolução. Uma hora preferiremos ouvir a razão, sentir a luz divina, pois é muito melhor estar com Deus, seguir as Leis do que sermos rebeldes. Quantas vezes achamos não ser rebelde um sinal de fraqueza? E por isso abrimos mão de tudo que é mais sublime em prol do orgulho. Orgulho que fere a si mesmo e àqueles em volta. Orgulho que está fantasiado de fortaleza, mas que na verdade é exatamente o sinal dos mais fracos, pois perdem a luta diária contra as próprias más tendências. Não estamos aqui dizendo que essa caminhada é fácil. Ao contrário, é muito laboriosa. Contudo aí está o grande mérito da vitória. Quando chegarmos ao fim de uma encarnação dizendo a nós mesmos "Eu me venci! Eu venci o meu ódio, venci minha vaidade, venci o homem turrão e velho que há dentro de mim!"; e no dia em que a desencarnação bater em nossas portas não haverá medo, não haverá rancor a ser remediado, não haverá ódio a ser trabalhado. Só haverá a paz de uma consciência tranquila.

> "*Oh! amigos da Terra! quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois* [63]".

O trabalho renovador

Após muito aprender, conviver e refletir em "Nosso Lar", finalmente André começou a trabalhar. Apesar do exercício de médico como encarnado, seu

primeiro serviço foi nas câmaras de retificação, precisamente na faxina de fluidos venenosos que foram expelidos por outra paciente em momento de operação de passes de fortalecimento. Sim, esse foi um trabalho completamente diferente do que ele já estava acostumado: o de ser médico. Contudo, o que seria considerado infinitamente inferior por muitos encarnados (e desencarnados também, podemos dizer), para André era uma enorme conquista, pois ali, pela primeira vez depois da chegada ao Mundo Espiritual, ele sentia que estava fazendo algo por alguém. Sentia a atitude renovadora para libertar-se dos conflitos e tormentos que a culpa lhe trazia ao coração.

> "*Sentia-me algo cansado pelos intensos esforços despendidos, mas o coração entoava hinos de alegria interior. Recebera a ventura do trabalho, afinal. E o espírito de serviço fornece tônicos de misterioso vigor* [64]".

Percebe-se que o trabalho aqui realizado por André constituiu nele uma sensação de mudança. Ainda que sinta culpa pelo que fez na Terra, na vida material, ele não só saiu das lástimas e torturas mentais, como foi tentar construir algo melhor já que a culpa lhe apontava para algum caminho. Então, amigos, essa é uma boa estrada a ser seguida quando nos conscientizamos de algo equivocado que tenhamos feito e o arrependimento nos assole os corações. Primeiro iremos refletir, pensar, chorar, mas depois, a busca por fazer o bem compreende em não só nos ajudar a lidarmos melhor com nossas culpas e dificuldades como também ajudarmos o próximo. O trabalho nos dá forças morais para modificarmos aquilo que ainda está enraizado como vício, mas que queremos arrancar e plantar no lugar novas virtudes. Léon Denis em *O Problema do Ser e do Destino* faz a seguinte afirmativa:

> "É isso o que é necessário dizer, repetir e fazer penetrar no pensamento, na consciência de todos, a fim de que o homem tenha um único alvo em mira: conquistar as forças morais, sem as quais ficará sempre na impotência de melhorar a sua condição e a da humanidade! Fazendo conhecer os efeitos da lei de responsabilidade, demonstrando que as consequências de nossos atos recaem sobre nós através dos tempos, como a pedra atirada ao ar torna a cair ao solo, *pouco*

a pouco serão levados os homens a conformar o seu proceder com essa lei, a realizar a ordem, a justiça, a solidariedade no meio social [65]*".*

Mas de onde podemos tirar essas forças morais senão pelo trabalho intenso de nos melhorarmos todos os dias? Percebe-se muito claramente que essa força e essa vontade vêm muito do quanto estamos incomodados com o nosso proceder também. Pensemos no exemplo simples da criatura que não se importa em jogar o lixo do que consumiu pela janela do ônibus. Aquilo para ela é algo natural, e não faz diferença jogar o lixo ali ou não. Um dia acontece uma chuva de verão bem forte que alaga toda a cidade e tem-se a notícia no jornal que toda a enchente foi causada por lixo acumulado nos bueiros, que a maioria das pessoas ali jogou. Neste momento, se ela toma consciência verdadeiramente do dano que ela contribuiu para acontecer, ela se arrepende e pode ter diversas atitudes na próxima vez que estiver com lixo, como por exemplo: continuar fazendo a mesma coisa, pois apesar de se arrepender, aquilo não a incomodou tanto
assim; outra ação possível é não jogar mais o lixo pela janela, pois compreendeu que aquilo prejudica a outros e tem uma parcela de responsabilidade pelo meio e sociedade em que vive. E talvez uma terceira é: aquilo a incomodou tanto, sentiu tanta vergonha de, por tanto tempo ter agido daquela forma e, agora outras pessoas na cidade estão prejudicadas tendo ela parcela de responsabilidade, que resolve promover ações de conscientização, limpeza da cidade, passando a fazer coleta seletiva. Por fim, meus irmãos, o exemplo é bem simplório, mas foi apenas para dizer que de acordo com a nossa vontade, podemos promover grandes mudanças, ou nenhuma, o que pode fazer a diferença é o sentimento de responsabilidade que já temos consciência.

André, apesar de culpado, poderia permanecer por anos em "Nosso Lar" se lastimando por aquilo que cometeu no passado, mas em vez disso, aproveitou a oportunidade de amadurecimento moral que lhe surgiu à frente. Poderia também não ter escrito nenhum livro, mas preferiu dividir o conhecimento e aprendizado que recebeu no Mundo Espiritual. Então

façamos nossas reflexões: O quanto estamos dispostos a trabalhar? O quanto estamos dispostos a mudar?

Amigos, errar ainda faz parte do nosso processo de evolução. Deus desenhou para nós todo um plano de desenvolvimento e educação, onde o equívoco faz parte desse trajeto. Temos hoje a bênção da Doutrina Espírita e da casa espírita que nos acolhe tão fraternalmente para nos auxiliar nessa busca da razão e da conscientização. Que não nos percamos nos âmbitos do orgulho e do egoísmo, mas, se assim acontecer, tenhamos coragem de assumir primeiramente para nós mesmos as nossas dificuldades e necessidades de mudança e correção e, em seguida, tenhamos forças para buscar novas formas de agir, de se comportar, de viver no mundo em que habitamos.

Entende-se que muitas vezes temos a sensação de estarmos sozinhos encarando nossos problemas, nossos remorsos, nossas decepções sem ninguém para nos dar apoio. Contudo, amigos, a Terra é uma grande escola, onde o aprendizado é contínuo, e os sábios professores sempre vêm ao nosso socorro quando o fardo parece ser muito pesado. Creiamos que a nossa vontade e o trabalho que busca a transformação de si mesmo, será a luz renovadora que trará a consolação e a mudança que precisamos. Não nos esqueçamos disso. Não percamos de vista que há um Deus que não abandona os filhos e que através da oração podemos sentir melhor o que ele tem para nós como orientação, ouvindo nossa consciência. Já disseram os espíritos na pergunta 621, de *O Livro dos Espíritos*, que a Lei de Deus está escrita na consciência e na 625 nos afirmam que o tipo mais perfeito que pode nos servir de modelo e guia é o Senhor Jesus. Então, amigos, já sabemos onde encontrar as respostas que precisamos sobre o que fazer.

Sejamos firmes em nossas decisões pelo caminho do bem e pelo caminho que mais nos direcione para as alegrias da vida espiritual e não a terrena, principalmente enquanto estivermos aqui no plano físico. Lembremos que o conhecimento da Doutrina Espírita pode fazer toda diferença em nosso caminhar, então não deixemos de estudar e aprimorar esse saber cada vez mais. Santo Agostinho faz a seguinte explanação:

> "*Imitai aquele que vos foi dado como exemplo; chegado ao último grau da abjeção e da miséria, estendido em uma estrumeira, disse a Deus: "Senhor, conheci todas as alegrias da opulência, e vós me haveis reduzido à miséria mais profunda; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar vosso servidor!" Até quando vossos olhares se deterão nos horizontes fixados pela morte? Quando, enfim, vossa alma quererá arrojar-se para além dos limites do túmulo? Porém, se devêsseis chorar e sofrer toda uma vida, o que isso representaria comparado à eternidade de glória reservada àquele que houver suportado a prova com fé, amor e resignação? Procurai, pois, as consolações para os vossos males no futuro que Deus vos prepara, e a causa desses males no vosso passado; e vós, que mais sofreis, considerai-vos os bem-aventurados da Terra* [66]".

Ficando com as palavras de Agostinho, possamos reavaliar se aquilo em que gastamos tantas energias em lamúrias, não pode ser modificado por nós mesmos. Se não há ainda comportamentos nossos que, se ouvirmos nossa consciência, não nos daremos conta que estamos, de certa forma, nos afastando da Lei, se, apesar de toda culpa sentida por determinada situação, não podemos fazer algo hoje e agora para modificar, se o trabalho no bem e o conhecimento da Doutrina Espírita não tem nos ajudado muito perante as provas da vida. Que o Senhor nos abençoe e que em sua infinita misericórdia e bondade nos dê o discernimento necessário diante das provas da vida!



3

PARTE

Treino para a Morte

Preâmbulo

Agora bastante influenciados pela experiência de André Luiz e certos de que há mais a fazer no sentido de garantirmos adesão mental ao Bem e uma desencarnação segura, feliz, sem sustos, chegamos a essa última parte de nosso opúsculo.

Neste caminho final, queremos oferecer a você, leitor amigo, algumas vacinas que enxergamos necessárias para que consigamos "treinar para a morte", se nos permitem o termo. Não se trata, naturalmente, de uma receita, até porque conforme vimos mais acima, nossas experiências e percepções são intransferíveis – não existem duas iguais. No entanto, os instrutores espirituais nos indicam alguns comportamentos ideais. Produzem também uma vasta descrição do estado espiritual daqueles que chegam ao Mundo Espiritual frágeis, abatidos, por suas dores e procedimentos na Terra. Buscando essas análises, descrições e indicações, é que produziremos esse parte do livro dedicada à conscientização, a começar pela rica mensagem de Humberto de Campos (Espírito) que, através de Chico Xavier, produziu essas linhas firmes, mas profundamente reflexivas para nossa vida diária:

"*Preocupado com a sobrevivência além do túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte.*

A indagação é curiosa e realmente dá que pensar.

Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.

Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos quase intransponíveis.

A rigor, a Religião deve orientar as realizações do espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.

Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhante inquirição.

Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contado, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.

Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa de Civilização.

Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de "amor".

Se você possui algum dinheiro ou detêm alguma posse terrestre, não adia doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e

cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consanguíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. É horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço.

Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas.

Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer [67]".

Observemos que o instrutor espiritual aborda tanto questões materiais que nos parecem das mais simples até questões complexas do comportamento humano, ainda tão arraigadas em nós pelas construções que vimos fazendo ao longo das últimas encarnações. Não cabe a ninguém apontar receitas para a boa desencarnação, e, como ele indica, comenta do ponto de vista limitado do qual fala; não se trata então de dizer o que fazer ou não fazer, mas trocar experiências acerca dos aspectos que comumente nos confundem no Mundo Espiritual mantendo-nos presos à carne.

Estudaremos rapidamente alguns itens desses bem materiais, do apego às coisas, que Humberto de Campos aponta como importantes para essa preparação. Para cada aspecto abordado na mensagem, proporemos uma mudança de hábitos, tendo em vista nossa espiritualização. Vejamos:

a. O prato de cada dia – de que forma podemos realizar uma mudança gradativa de nossos hábitos à mesa? Ao que informam os Espíritos, o problema está na volúpia com a qual nos lançamos sobre o alimento. Ao cristão será urgente perguntar: vivo pensando na comida? Sou viciado em

algum prato? Se sim, hora de treinar o desapego ao tempero e diminuir os exageros sobre a mesa.

b. Os excitantes ingeridos largamente – parece haver aqui um equilíbrio possível aqui, já que o Espírito apontou (aliás, mais uma vez) o exagero como o problema. De que modo uso o álcool? Com uma paixão a ponto de trocar o Céu por ela? Ou de modo absolutamente sóbrio, com moderação e sem apego? Ninguém em Espiritismo está a dizer o que pode e o que não pode nesse aspecto, mas a perguntar: do que você precisa?

c. Os abusos do fumo – está dito que causa pena a dependência que faz a escravidão após a morte. Imaginemos alguém procurando fumar sem podê-lo! Precisamos pensar de novo: o que me prende à Terra sem necessidade?

d. A tentação dos narcóticos – quantos irmãos presos à necessidade aparente de uma substância química, com a qual se acostumou tanto que parece precisa daquilo. Outra ilusão! Posso evitar?

e. O sexo – puro e divino, mas culturalmente vicioso, tendo em vista as paixões que comumente dominam o ser humano na busca pelo prazer em si. Juntar o prazer físico com o amor real parece ser uma vacina contra os abusos nesta área. Vivo a sexualidade sem que ela me domine a mente?

f. Posse do dinheiro – cita Irmão X a possibilidade de praticar doações espontâneas ainda no corpo, para evitar a procura pelos cifrões após a morte. Conseguimos fazer a distinção entre posse e possuidor? Às vezes parece que o dinheiro é que nos têm. Perigo! Posso treinar? Quem sabe abrir o guarda-roupa e oferecer aquela peça de gosto tanto?

Talvez não nos seja possível hierarquizar esses aspectos, mas estamos desconfiados que ainda mais sérios do que esses materiais, que avaliam nossos apegos às questões dos usos sobre a Terra, são os critérios morais que nos mantêm estritamente ligados à Terra. Nos próximos três capítulos veremos as questões afetivas que precisamos treinar e como que a solução passa pelo trabalho e pela espiritualização.





Vinculações afetivas

"Não acrediteis na dureza e na insensibilidade do coração humano, mesmo a contragosto ele cede ao verdadeiro amor."

O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 11, item 9.

Tema do maior interesse, seja porque o vinculamos à nossa felicidade, seja porque delas dependem nossos sofrimentos, *as relações afetivas* mereceram análise destacada em diversos capítulos de *Nosso Lar*, nos mostrando seus desdobramentos no além-túmulo, quanto nos trazendo preciosas orientações para nos prevenirmos de tormentos voluntários nas relações, e reconstruirmos relacionamentos onde perdemos a esperança na paz e harmonia íntima.

Esse tema também ganhou importante espaço nas obras de Allan Kardec, e o esclarecimento de alguns conceitos é o primeiro passo para entendermos. Questões centrais surgem sob esse aspecto:

- Por que sinto atração ou repulsão por alguém?
- Se a afeição que sinto por alguém é corporal ou espiritual? E quais as consequências?
- Como a afeição mais viva entre duas pessoas pode se transformar em antipatia e, algumas vezes, em ódio?
- Se a antipatia entre duas pessoas nasce, primeiramente, naquele em que o espírito é pior ou melhor?

- Se a afeição que dois seres se consagraram, na Terra, continua sempre a existir, no mundo dos espíritos?
- Sou responsável por breves relacionamentos, "episódios fortuitos da existência humana"?
- O que fazer para buscar a reconciliação com alguém?
- E quais serão as repercussões no plano espiritual dos meus relacionamentos?

Para começarmos a buscar as respostas para essas dúvidas, que certamente todos vivenciamos, sugerimos breve revisão de conceitos relacionados a esse tema, encontrados nas obras de Allan Kardec.

O quadro a seguir resume alguns pontos importantes em Kardec para nossa reflexão [68]:

SIMPATIA	**ANTIPATIA**
• Tendência que reúne duas ou mais pessoas; inclinação. Dic.Aurélio • Nem sempre tem por princípio um conhecimento anterior entre dois espíritos. L.E.: 387	• Sentimento de repulsa espontânea; aversão. Dic. Aurélio. • Repulsão instintiva que experimentamos por algumas pessoas. L.E.: 389
• A simpatia que atrai um Espírito para o outro é o resultado da perfeita concordância de seus pendores, de seus instintos. L.E.: 301	• Dois espíritos não são necessariamente maus, por não serem simpáticos; a antipatia pode nascer de uma divergência de ideias. L.E.: 390
AFEIÇÃO CORPORAL	**AFEIÇÃO ESPIRITUAL**
• Julgam pelas aparências, não passava de encantamento material. L.E.: 939 • E perecível: aqueles que acreditavam amar-se, com um amor eterno, passam a odiar-se quando a ilusão acaba. L.E.: 939 • Busca pela satisfação do orgulho e ambição. L.E.: 940	• Após se conhecer bem e bem se estudar, ambos acabam por se amar, com um amor terno e durável, porque repousa na estima. L.E.: 939 • Busca pela felicidade de uma afeição mútua. L.E.: 940 • Estima:Sentimento de importância de alguém; amizade. Dic.Aurélio.

O estudo e reflexão desses conceitos nos auxiliarão em muito a compreendermos os nossos relacionamentos. Os espíritos nos ensinam que " *não basta estar apaixonado por uma pessoa que vos agrada e em quem supondes belas qualidades; é vivendo, realmente, com ela que podereis apreciá-la*". (L.E.: 939) É realmente convivendo que temos a oportunidade de entender os elos que nos unem ou atraem a determinadas pessoas, e as

razões de aversões, que geram antipatias. Ainda muito comum em nossa sociedade relacionamentos onde se busca a satisfação sexual, a atração corporal e o *status* material em detrimento da estima, do respeito e do amor sincero, gerando ódios, mágoas e ressentimentos, de consequências imprevisíveis, quando a ilusão material se dissipa. O estudo da Doutrina Espírita, e em particular, da obra *Nosso Lar*, nos permite compreender as repercussões dos nossos relacionamentos, como encarnados, no plano espiritual após nossa desencarnação, suas consequências para futuras reencarnações e **o que fazer para cuidarmos e ajudarmos corações que por ventura machucamos!**

> *"(...) Aliás, não poderia supor, noutro tempo, que me seriam pedidas contas de episódios simples, que costumava considerar como fatos sem maior significação* [69]*".*

Assim se expressa André, surpreso ao verificar a perfeição da Justiça Divina, pois " *A Justiça de Deus sendo infinita, o bem e o mal são rigorosamente levados em conta; se não há uma só ação má, um só mau pensamento que não tenham suas consequências fatais, não há uma só boa ação, um só bom impulso da alma, em uma palavra, o menor mérito que seja perdido*". (*O Céu e o Inferno*, cap. 8), e essa reflexão dá o tom de um dos momentos mais dramáticos vivenciados por André Luiz em *Nosso Lar*, ao narrar o reencontro com aquela que foi um "episódio fortuito da existência humana", mas que agora retornava ao seu encontro, através dos misteriosos caminhos do coração. Trata-se de Elisa, no capítulo 40, intitulado "*Quem semeia colherá*", o qual optamos por estudar e aprofundar esse capítulo, retirando dele uma estrutura teórica que nos permitirá aplicar nas problemáticas dos nossos relacionamentos. [70]Mergulhemos então, no emocionante reencontro de André e Elisa e de suas grandes lições para todos nós que desejamos RECOMEÇAR.

Atenção às oportunidades

> *"Eu não sabia explicar a grande atração pela visita ao departamento feminino das Câmaras de Retificação. Falei a Narcisa do meu desejo, prontificando-se ela a satisfazer-me. Quando o Pai nos*

> *convoca a determinado lugar – disse, bondosa –, é que lá nos aguarda alguma tarefa. Cada situação, na vida, tem finalidade definida... Não deixe de observar este princípio em suas visitas aparentemente casuais. Desde que nossos pensamentos visem à prática do bem, não será difícil identificar as sugestões divinas* [71]*".*

A Providência Divina nos oferece contínuas oportunidades de progresso espiritual. Essa certeza fortalecerá nossa esperança com pessoas que prejudicamos em nossas relações. Estar atento às menores situações, "aparentemente casuais", onde somos convidados a iniciar a reconstrução de nossos caminhos. São conversas despretensiosas, encontros aparentemente casuais, visitas inesperadas, momentos cotidianos em que podemos ser úteis. Pode ser o início de reparações, reconciliações e da construção do perdão, pois *"desde que nossos pensamentos visem a prática do bem, não será difícil identificar as sugestões divinas"*.

Não fugir às consequências das escolhas

> *"Não tema. Aproxime-se dela e reconforte-a. Todos nós, meu irmão, encontramos no caminho os frutos do bem ou do mal que semeamos. Essa afirmativa não é frase doutrinária, é realidade universal* [72]*".*

Para repararmos nossas faltas, se faz necessário passarmos pelas consequências de nossas escolhas, para compreendermos melhor a diferença entre o bem e o mal (L.E.: 630 e 990) e consolidarmos o aprendizado em nosso coração, que nos dará a força para resistirmos a novos arrastamentos e conseguirmos reparar o erro. André, compreendendo a importância desse momento, não fugiu ao início da colheita das sementes de irresponsabilidade e indiferença que plantou no coração de Elisa, passando a ouvir a própria narrando as desventuras vividas após o breve e triste relacionamento que tiveram. Longe de ser ato autopunitivo, demonstra a coragem de alguém que precisa conhecer os desdobramentos de suas escolhas para ajudar. Esse é o convite para nós outros. Nos relacionamentos difíceis, aprender a ouvir melhor para melhor compreender.

"Interessado em castigar a mim mesmo, diante de Narcisa, para que a lição me penetrasse na alma com caracteres indeléveis, perguntei:

– E sua história Elisa? Deve ter sofrido muito...

Sentindo a inflexão afetuosa da pergunta, sorriu, muito resignada, e desabafou:

– Para que lembrar coisas tão tristes?

– As experiências dolorosas ensinam sempre, objetei."

Para entendermos o sentido da palavra *castigar* usada por André, e como as experiências dolorosas ensinam sempre, pediremos ajuda a Paulo de Tarso, em sua mensagem na questão 1.009 de *O Livro dos Espíritos: "O que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessárias a fazê-lo ter aversão à sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o aguilhão que estimula alma, pela amargura, a dobrar-se sobre si mesma e a retornar ao porto de salvação. O objetivo do castigo não é outro senão a reabilitação, a libertação."*

Aqui devemos dar mais valor ao conceito do que à palavra em si: Para termos aversão aos relacionamentos onde o nosso interesse pessoal, a ambição e o orgulho prevalecem, é necessário experimentarmos o sofrimento de suas consequências, e possamos então, mais amadurecidos, retornar ao porto seguro da vivência de uma relação afetiva sincera, baseada na estima e nos sentimentos. Nessa atitude, André permanece no bom combate, contra seu maior inimigo: o próprio orgulho!

Assumir responsabilidades!

"A dívida agora era inteiramente minha."

No drama dos relacionamentos, é muito comum responsabilizarmos o outro pelos insucessos e sofrimentos que surgem, nascendo o duelo de almas, de consequências imprevisíveis. Refletir sobre os acontecimentos infelizes nas relações e assumir responsabilidades é passo de espíritos mais amadurecidos, que estão dispostos a crescer.

Mais uma vez, recorreremos à ajuda do apóstolo Paulo, que nos assiste com uma série de reflexões para concluirmos acerca da qualidade de nossas escolhas e de nossas responsabilidades nos problemas dos relacionamentos. Façamos o seguinte exercício: Escolha uma situação, somente uma, de um desentendimento com alguém mais próximo. Agora, reflita com as perguntas de Paulo.

"Aliás, quem sabe se, analisando a vós mesmos, não vereis que fostes o agressor?

Quem sabe se, nessa luta que começa por uma insignificância e termina por um rompimento, não fostes vós que desferistes o primeiro golpe?

Se uma palavra ofensiva não escapou de vós?

Se usastes de toda a moderação necessária?

Admitamos que tenhais sido ofendidos numa determinada circunstância. Quem pode afirmar que não envenenastes o fato por represália?

E que não fizestes degenerar em grave aborrecimento, o que poderia facilmente ter caído no esquecimento?

Se dependia de vós impedir as consequências e não fizestes, sois culpado.

Admitamos, finalmente, que não tendes, em absoluto, nenhuma reprovação para fazer a vós mesmos,...

Então, maior será o vosso mérito se vos mostrardes clemente [73]*".*

Não tenha pressa! Reflita, pondere, medite sobre estas questões e o problema que você vivencia. Não faltara ajuda dos bons amigos espirituais, assim como André não esteve sozinho nesse momento, onde assumindo suas responsabilidades, deu importante passo para o próprio crescimento.

Vejamos agora como Elisa pode nos ajudar com suas experiências...

"Comovidíssimo ate às lágrimas, perguntei:

– E ele? Como se chama o homem que a fez tão infeliz?

Ouvia-a, então, pronunciar meu nome e de meus pais.

– E você o odeia? – Indaguei acabrunhado.

Ela sorriu tristemente e respondeu:

– No período do meu sofrimento anterior, amaldiçoava-lhe a lembrança, nutrindo por ele um ódio mortal, mas irmã Nemésia modificou-me. Para odiá-lo, tenho de odiar a mim mesma. No meu caso, a culpa deve ser repartida. Não devo, pois, recriminar ninguém [74]*".*

Quando vencemos o orgulho, abrimos mão do duelo e criamos espaço para o entendimento e a conciliação. Nemésia auxiliou Elisa a perceber sua parcela de responsabilidade. Independentemente das ações que alguém toma contra nós, temos sempre a liberdade moral de escolher agir de conformidade com a Lei de Deus ou ceder aos arrastamentos de nossas más tendências. Só colhemos o que semeamos. Diante desses pensamentos, o orgulho, que cria a ilusão da ofensa e do ódio por nos sentirmos feridos na falsa superioridade que nos colocamos, vai perdendo força, abrindo brechas para a compaixão...

O amor cobre uma multidão de pecados

> *"Aquela humildade sensibilizou-me. Tomei-lhe a destra sobre a qual, sem que o pudesse evitar, rolou uma lágrima de arrependimento e remorso.*
>
> *– Ouça, minha amiga – falei com emoção forte –, também eu me chamo André e preciso ajudá-la. Conte comigo, doravante.*
>
> *E sua voz- disse Elisa, ingenuamente – parece a dele.*
>
> *– Pois bem – continuei, comovido –, até agora, não tenho propriamente uma família em "Nosso Lar". Mas você será aqui minha irmã do coração. Conte com o meu devotamento de amigo* [75]*".*

Chegamos, enfim, ao coroamento dos esforços de André no seu reencontro com Elisa. Desde seu esforço em permanecer no trabalho do bem para receber a oportunidade de rever Elisa, passando pelo sacrifício de vencer a si mesmo, conseguiu fazer nascer em seu coração o arrependimento sincero, impulsionando-o ao caminho da reparação.

Mas André nos ajuda a entendermos que tipo de auxílio é legítimo perante Deus, ao prometer o **devotamento** à Elisa. Podemos nos perguntar: Será possível resgatar minhas faltas contra determinada pessoa, de qualquer relacionamento, desde esta vida?

Allan Kardec indagando os espíritos superiores sobre essa dúvida, recebeu como resposta:

> *"Sim, reparando-as; mas não creiais resgatá-las através de algumas privações pueris... Deus não leva em conta um arrependimento estéril, sempre fácil e que custa o esforço de bater no peito... O*

mal só é reparado pelo bem e a reparação não tem mérito algum se não atinge o homem ***nem no seu orgulho nem nos seus interesses materiais".***

(*O Livro dos Espíritos*, q. 1.000.)

Recomeçar relacionamentos e reconstruir afeições, em qualquer esfera, requer esforço em vencer o orgulho e o egoísmo em nossos corações. Não nos iludamos com um suposto bem praticado por nós de forma fácil, sem renúncias e sacrifícios, pois a causa do mal permanecera em nós. Para entendermos o valor do sentimento de devotamento, ouçamos o espírito de Verdade: " ***O devotamento e a abnegação*** *são uma prece contínua e encerram um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Que todos os espíritos sofredores possam compreender essa verdade, em vez de se revoltarem contra as dores e os sofrimentos morais que são o seu quinhão aqui na Terra. Usai, pois, como divisa, estas duas palavras:* ***devotamento e abnegação****, e sereis fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade vos impõem*". (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*: VI, 8). Verdadeiro devotamento é doar-se por inteiro, sem restrições, não impondo limites aos gestos de cuidados e amor, ainda que eu sacrifique os próprios interesses pessoais, pois o bem-estar do meu irmão será a maior preocupação. André e Elisa terão um grande caminho pela frente, assim como nós e os nossos. O devotamento de amigo será o grande combustível nessa trajetória, e quando tomarmos essa decisão, possamos ouvir em nossos corações, assim como André Luiz ouviu de Narcisa*: "Que Jesus o abençoe*".

E se a dúvida e o medo nos assaltar a alma, em nossas relações afetivas, lembremos:

"Não acrediteis na dureza e na insensibilidade do coração humano, mesmo a contragosto ele cede ao verdadeiro amor; é um ímã ao qual ele não pode resistir, e o contato desse amor vivifica e fecunda os germes dessa virtude que está em vossos corações em estado latente".

(*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XI, ítem 9.)



Consciência da transitoriedade

"Eles perecerão; tu, porém, permanecerás;
todos hão de envelhecer como um vestido."

Hebreus, 1:11.

Quão grande é a inconsciência do homem frente às grandes questões do espírito. Afinal, a que vida ela se destina? Quais mistérios tecem o tênue véu entre a vida e a morte? Imortalidade ou o nada? Poucos homens investem esforços na busca pelas respostas. Comumente os comezinhos problemas da vida roubam-lhe a atenção, afastam-lhe do centro dos seus maiores interesses, a busca das "coisas do espírito". Pois que o espírito antecede ao berço e sobrevive ao túmulo, imortal na busca de si mesmo e da sua felicidade rumo a Deus. Quão grande, não é a surpresa e a decepção do espírito que negligenciou em sua experiência carnal a moral e a virtude!

Reflexões semelhantes inauguram os relatos de André Luiz em *Nosso Lar*, dado o seu espanto em reconhecer *"não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos* [76]". E acrescenta:

> *"Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era tarde. Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Mal delineava projetos de solução, incidentes numerosos impeliam-me a considerações estonteantes. Em momento algum, o problema religioso*

surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana. Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra, mas urgia reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações transitórias, e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação. Verificava que alguma coisa permanece acima de toda cogitação meramente intelectual. Esse algo é a fé, manifestação divina ao homem. Semelhante análise surgia, contudo, tardiamente. De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muita vez folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. Identificava-as através da crítica de escritores menos afeitos ao sentimento e à consciência, ou em pleno desacordo com as verdades essenciais. Noutras ocasiões, interpretava-as com o sacerdócio organizado, sem sair jamais do círculo de contradições, onde estacionara voluntariamente."

"(...)A filosofia do imediatismo, porém, absorvera-me. A existência terrestre, que a morte transformara, não fora assinalada de lances diferentes da craveira comum (...) examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência. Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas não lhe retribuíra ceitil do débito enorme [77]*".*

Como vemos, a surpresa tomou de assalto as suas convicções. A realidade apresentava-lhe a imperiosa necessidade de utilizar as lições do espírito que negligenciara tal qual aluno que não se preparou para o dia dos exames finais. Retornava de mãos vazias e, em função disso, ele sofria em reconhecer o tempo perdido, a oportunidade malbaratada. Enquanto possuidor da veste carnal, viveu como os valores do seu tempo, gozara a vida, sem nada retribuir, fora estéril de realizações espirituais.

Como podemos ver, há uma dualidade na trajetória do espírito, ora encarnado na Terra ora desencarnado no Mundo Espiritual e é deste processo dualista que o espírito soergue sobre as suas más paixões, se distancia dos sentimentos entorpecedores, animalescos desperta para gloriosas claridades do espírito, tal como a planta que abandona o germe rompendo o solo escuro e frio em busca do Sol.

Forçoso é reconhecer que a reencarnação é dádiva divina, oportunidade sublime de aquisições de valores que enobrecem os nossos sentimentos e ampliam a nossa consciência, amadurecendo o nosso espírito. A reencarnação, portanto, é a face mais preciosa dessa dinâmica dualista para a evolução do espírito.

Ora, se observarmos bem as oportunas anotações de André Luiz, é imperioso entendermos que somos espíritos imortais e, mais do que isso, vivermos como espíritos imortais, como anota Pascal:

> *"A imortalidade da alma é uma coisa de tal importância, interessa-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido toda a sensibilidade para manter-se indiferente ao seu conhecimento.*
>
> *O nosso primeiro interesse e o nosso primeiro dever são os de nos esclarecermos sobre este assunto, de que depende toda a nossa conduta: e é por isso que eu faço uma distinção extrema entre os que trabalham com todas as suas forças para nele se instruírem e os que vivem sem dele cuidarem e sem nele pensarem.*
>
> *Esta negligência numa questão em que se trata deles mesmos, de sua eternidade, do seu todo, irrita-me mais do que me comove, surpreende-me e espanta-me, é monstruosa para mim. Não falo assim pelo zelo piedoso duma devoção espiritual. Pelo contrário, entendo que se deve ter esse sentimento por um princípio de interesse humano* [78]*".*

É justamente esta negligência e inconsciência da nossa condição de espírito imortal que causa as fugas espetaculares, a supervalorização dos bens materiais, o culto ao corpo e o hedonismo.

Vivemos como se não houvesse futuro, inconscientes da nossa essência e destinação, vivemos para o presente e mergulhamos na fruição das coisas desse mundo. Assim, a crença na perenidade do espírito dá novo sentido à vida.

Não estamos aqui tratando de uma crença vazia, fruto de uma educação torpe e injunções sociais, dizemos da crença adquirida pela reflexão e meditação que nos conduz a uma certeza, de onde aurimos uma força que impele à mudança, conforme observa a querida benfeitora Joanna de Ângelis:

> *"Quando a crença na imortalidade do Espírito é legítima, ocorre uma profunda mudança no indivíduo, que se ilumina pelo caminho libertador.*
>
> *Tudo quanto antes se afigurava de maneira imediatista ou se fazia portador de um significado psicológico mais superficial altera os seus conteúdos para se agigantar em sentido existencial profundo, que tem a ver com a perenidade do ser e todos os efeitos do seu comportamento."*
>
> *"(...) A crença na transcendência da vida impõe se dúvida, sem dúvida responsabilidades em todos os momentos da existência corporal.*

(...) Uma grande serenidade toma-lhe conta, porque sabe que avança em direção ao à pátria de onde veio e para onde retornará, conduzindo os valores que amealhe durante a laboriosa caminhada humana [79]*".*

Se bem compreendida a crença na vida futura, entenderemos que o apego às coisas deste mundo como a posse de bens matérias e títulos, a família e pessoas não passa de cegueira espiritual.

Não queremos dizer com isso que devamos desprezar tais coisas, não. Os afetos familiares e amigos, as posses materiais e títulos adquiridos são imperativos à mudança, que nos propiciam experiências, que delas arregimentamos forças para a nossa evolução e progresso, desde que, bem compreendido o papel que cada qual exerce e mais do que isso, sem apego, entendendo que tudo é passageiro e transitório.

Quando o Espírito está e resolve por adentrar ao labirinto das ilusões e paixões humanas, e acredita-se possuidor eterno de coisas e pessoas, títulos e afetos, sofre, ao chegar ao Mundo Espiritual, o desgosto desta ilusão, pondo em revista a sua vida. Vê-se orgulhoso, egoísta e tolo, pois em verdade, deveria ser mestre e não escravo das coisas do mundo material. Careceria ter dado um emprego útil aos bens e oportunidades de que fora portador, que colaborasse com o progresso geral e pessoal. Tal constatação causa-lhe vergonha, em outros dor e revolta.

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec transcreve os relatos de um espírito que na terra havia sido rainha, leiamos o que ele nos ensina:

"O que levei comigo da minha realeza terrestre? Nada, absolutamente nada. E, como para tornar a lição mais terrível, a realeza não me seguiu até o túmulo. Rainha era eu entre os homens, rainha eu acreditava entrar no reino dos céus. Que desilusão! Que humilhação quando, em lugar de ser recebida como soberana, eu vi, acima de mim, mas bem acima, homens que eu considerava insignificantes e que desprezava, porque não tinham sangue nobre! Oh! Nesse momento compreendi a inutilidade das honras e das grandezas que se buscam com tanta avidez sobre a Terra!

Para se preparar um lugar no reino dos céus é preciso abnegação, humildade, caridade em toda a sua perfeita prática, benevolência para com todos; não se pergunta o que fomos, qual a posição que ocupamos, mas o bem que fizemos, as lágrimas que enxugamos.

(...) Os homens correm em busca dos bens terrenos; como se pudessem guardá-los para sempre; mas aqui não há mais ilusões, e eles logo se apercebem de que se apoderaram apenas de uma sobra,

e negligenciaram os únicos bens sólidos e duráveis, os únicos que lhe seriam proveitosos na morada celeste, os únicos que poderiam dar entrada a essa morada [80]*”.*

Depoimento análogo a este nos oferece André Luiz em *Nosso Lar*. Tendo ele despertado para a necessidade do labor santificado, recorreu aos bons préstimos do Ministro Clarêncio na busca de orientação e de oferecer-se ao trabalho. Muito embora constrangido, no fundo anelava novamente exercer a Medicina. Acompanhemos o diálogo:

“Tomei a liberdade de vir até aqui, rogar seus bons ofícios para que me reintegre no trabalho. Ando saudoso dos meus misteres, agora que a generosidade do “Nosso Lar” me reconduziu à bênção da harmonia orgânica. Qualquer trabalho útil me interessa, desde que me afaste da inação.

Clarêncio fitou-me longamente, como a identificar-me as intenções mais íntimas.

– Já sei. Verbalmente pede qualquer gênero de tarefa; mas, no fundo, sente falta dos seus clientes, do seu gabinete, da paisagem de serviço com que o Senhor honrou sua personalidade na Terra.

Até aí, as palavras dele eram jatos de conforto e esperança, que eu recebia no coração, com gestos confirmativos.

Depois de uma pausa mais longa, porém, o Ministro prosseguiu:

– Convém notar, todavia, que às vezes o Pai nos honra com a sua confiança e nós desvirtuamos os verdadeiros títulos de serviço. Você foi médico na Terra, cercado de todas as facilidades, no capítulo dos estudos. Nunca soube o preço de um livro, porque seus pais, generosos, lhe custeavam todas as despesas. Logo depois de graduado, começou a receber proventos compensadores, não teve sequer as dificuldades do médico pobre, compelido a mobilizar relações afetivas para fazer clínica. Prosperou tão rapidamente que transformou facilidades conquistadas em carreira para a morte prematura do corpo. Enquanto moço e sadio, cometeu numerosos abusos, dentro do quadro de trabalho a que Jesus o conduziu.

Ante aquele olhar firme e bondoso ao mesmo tempo, estranha perturbação apossara-se de mim.

Respeitosamente, ponderei:

– Reconheço a procedência das observações, mas, se possível, estimaria obter meios de resgatar meus débitos, consagrando-me sinceramente aos enfermos deste parque hospitalar.

– Impulso muito nobre – disse Clarêncio sem austeridade; contudo, é preciso convir que toda tarefa na Terra, no campo das profissões, é convite do Pai para que o homem penetre os templos divinos do trabalho. O título, para nós, é simplesmente uma ficha; *mas, no mundo, costuma representar uma porta aberta a todos os disparates. Com essa ficha, o homem fica habilitado a aprender nobremente e a servir ao Senhor, no quadro de Seus divinos serviços no planeta. Tal princípio é aplicável a todas as atividades terrestres, excluída a convenção dos setores nos quais se desdobrem. Meu irmão recebeu uma ficha de médico. Penetrou o templo da Medicina, mas sua ação, lá dentro, não se verificou em normas que me autorizem a endossar seus atuais desejos. Como*

transformá-lo, de um momento para outro, em médico de espíritos enfermos, quando fez questão de circunscrever observações exclusivamente à esfera do corpo físico [81]*"?*

Como podemos depreender das elucidações de Clarêncio a André Luiz, o médico desencarnado houvera malbaratado oportunidades sagradas, inclusive no exercício da Medicina. O seu título de médico não passava de simples "ficha", de convenções sociais cultivadas nas paragens terrestres, que ali, na vida ***extrafísica***, sem os valores do espírito, que ele não cultivara, pouco poderia depor a seu favor.

Afinal, como alguém que desprezara o corpo, que é o relicário sublime do espírito e via a veste carnal, como mero emaranhado biológico sem condutor que lhe desse maior sentido existencial, poderia de um momento para outro, curar as enfermidades que outrora imaginava ele ser circunscrito ao corpo? O novo paradigma existencial que se impunha, ou seja, a vitória do espírito sobre o corpo mudara completamente a forma de encarar a sua própria profissão, pois em verdade não era o corpo que adoecia, mas sim o espírito.

Os relatos de André Luiz são convites à mudança da rota existencial. Com ele o horizonte espiritual se alargou, pois dá testemunho que os valores, títulos e posses meramente materiais têm vida curta e nada disso levamos para a vida futura.

Urge, portanto, entendermos que somos espíritos imortais em trânsito pela terra na busca da nossa felicidade e que esta se conquista pelo esforço próprio em preencher-se de sabedoria e amor os verdadeiros patrimônios do espírito "que as traça não corroem e os ladrões não roubam".

Por fim, é urgente reconhecer, tal qual André Luiz, que:

"Uma existência é um ato.

Um corpo – uma veste.

Um século – um dia.

Um serviço – uma experiência.

Um triunfo – uma aquisição.

Uma morte – um sopro renovador [82]".





Trabalho como ferramenta de evolução

"E disse-lhe o Senhor em visão: Ananias!
E Ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor!"

Atos, 9:10.

A relação que o homem possui com o trabalho inicia nos primórdios da história da humanidade de maneira muita constrangedora e distorcida, pois este era considerado como algo ruim, uma punição. A própria origem da palavra "trabalho" que vem do latim *tripalium,* é um vocábulo formado pela união dos elementos *tri*, que significa "três", e *palum,* que quer dizer "madeira". *Tripalium* era a designação para um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum o seu uso na antiguidade em algumas regiões da Europa. Portanto, em sua origem, nos primórdios, "trabalhar" significava "ser torturado". Era algo profundamente ruim, desumano, onde os escravos e os pobres que não conseguiam pagar os tributos que eram cobrados sofriam torturas no *tripalium*. A gênese da palavra apresenta sociologicamente através dos tempos, uma tradição de outorgar ao vocábulo, valores, ora depreciativos ora penosos, significando fadiga, esforço, sofrimento, encargo, em suma, valores negativos, dos quais se afastam os mais afortunados. Observamos esta ideia até nos dias de hoje quando em função da possibilidade da pessoa

receber inesperadamente uma vultosa quantia, na maioria das vezes, quando perguntados sobre o que fariam inicialmente com a fortuna recebida falam que o seu desejo é parar de trabalhar, dando a entender que para aquele indivíduo trabalho ainda é algo apenas destinado a fornecer meio de custeio à vida material, muito ruim, sem vislumbrar os benefícios dessa fantástica ferramenta de evolução.

As formas do trabalho variam conforme o momento histórico. As sociedades iniciais, por exemplo, baseavam seu trabalho na coleta, na caça, na pesca e, geralmente, as atividades eram divididas por gêneros. Os egípcios, gregos e romanos na antiguidade se utilizaram do trabalho escravo para as mais diversas funções: seja na fabricação de utensílios, em trabalhos domésticos, sejam na condição de gladiadores, músicos, filósofos e até mesmo poetas.

A característica do trabalho nesta época, era a punição, submissão, em que os trabalhadores eram os povos vencidos nas cruéis e sangrentas batalhas, os quais eram escravizados. A escravidão era tida como coisa justa, certa e necessária, dentro de uma lei profundamente primitiva e injusta. Não existia dignidade para as pessoas em trabalhar. Para ser reconhecido pela sociedade, e ser considerado culto, era necessário ser rico e ocioso, já que nas sociedades antigas e escravagistas, o ócio era sinônimo de vida digna e feliz, e o trabalho era indigno. Conceito absolutamente equivocado diante de todo o conhecimento que a Doutrina Espírita nos esclarece a esse respeito, como por exemplo, quando, em *O Livro dos Espíritos,* na pergunta 943, os benfeitores espirituais respondem ao codificador que a ociosidade é um dos efeitos que levam ao desgosto da vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certas pessoas.

Com o século 14 surge outro sentido para trabalho muito mais abrangente e sábio, que atualmente é aplicado, qual seja o de "aplicação das forças e faculdades humanas, talentos, habilidades para atingir um determinado objetivo". A chegada da Revolução Industrial, foi um grande marco na história do trabalho, houve grande desenvolvimento das atividades humanas, o trabalho então passou a ter diversos significados bem

diferenciados da antiguidade e deu início a um processo para uma nova contextualização dessa abençoada ferramenta de evolução. A Revolução Industrial transformou a sociedade que era basicamente rural e com atividades ligadas a agricultura de subsistência, onde a produção de alimentos visava somente garantir a sobrevivência do agricultor, da sua família e da comunidade, em uma coletividade urbana e industrial. As transformações provocaram no mundo enorme modificação: a atividade industrial passou a ocupar o centro da vida econômica; surgem as grandes empresas e a atividade assalariada, embora ainda sem igualdade de direitos; passa a prevalecer na maior parte do mundo; surge o capitalismo industrial. O corpo social foi abalado pelo êxodo rural e pelo aumento da vida urbana, novas cidades começam a se formar em torno dos polos industriais. A implantação das indústrias trouxe inúmeros ganhos a vida material, trazendo conforto e melhoria na qualidade de vida de todos, mas como a maioria das novidades não reflexionadas, consequências desastrosas que ainda hoje nos incomoda se estabelece, como por exemplo, os danos ao meio ambiente começaram a surgir e que somente de algum tempo para cá começa ser dada a importância correta e necessária a este assunto. Ao mesmo tempo em que a modernização tecnológica tornava várias atividades laborativas arcaicas gerando desemprego, também em contrapartida impulsionava os trabalhadores a se atualizarem em busca de especializações e direitos trabalhistas até ali quase inexistentes.

Pelas diversas experiências reencarnatórias por que passamos quando situações penosas e de sofrimento foram vivenciadas dentro da distorcida e limitada visão do trabalho, muitos companheiros de jornada ainda guardam em si reminiscências dessas experiências e possuem uma dificuldade muito grande de entender que trabalhar é evoluir é vivificar a nossa inteligência, é campo de aprendizado, um auxiliar nas vicissitudes da vida, pois quando estamos envolvidos em uma atividade que requer muita responsabilidade, atenção, desgaste físico e intelectual, não temos tempo para a ociosidade que é um fator pontual para o desenvolvimento de estados emocionais preocupantes como no livro *Momentos de Felicidade,* ditado pelo Espírito

Joanna de Ângelis, pela psicografia do médium Divaldo P. Franco, a mensagem que tem como título "A Mente em Ação" explica muito bem: *"O tédio é resultado da ociosidade costumeira da mente acomodada e preguiçosa. Matriz de muitos infortúnios, responde por neuroses estranhas e depressivas, culminando com o suicídio injustificável e covarde. Entregue ao tédio, o paciente transfere responsabilidades e ações para os outros, deixando-se sucumbir na amargura, quando não se envenena pela revolta contra todos e tudo"*.

O livro *Depois da Morte* do célebre orador e escritor francês Léon Denis [83], em concordância com *O Livro dos Espíritos*, fala que o trabalho é uma lei para todas as sociedades do Espaço. Caminha-se, assim, do mais primitivo ser até as falanges angelicais de espíritos puros, como nos ensina o benfeitor Emmanuel pela iluminada psicografia de Francisco Cândido Xavier no livro *A Caminho da Luz*. Já no primeiro capítulo desta obra, Emmanuel menciona a comunidade de Espíritos Puros que trabalham para a organização de todas as coletividades planetárias sob a orientação do Senhor Supremo do Universo, da qual Jesus é um dos seus membros. João, o Evangelista, em João, 5:17, também tece comentários sobre o trabalho, destacando a sua importância, quando lembra um ensino de Jesus: *"O Meu Pai trabalha até agora e Eu também trabalho"*. Tudo trabalha na Natureza! Trabalho é vida!

Enquanto estamos lendo estas simples páginas, vários sistemas que compõem o nosso organismo físico estão exercendo a sua função específica para que um todo possa funcionar da melhor maneira possível, com seus fluxos sanguíneos, abertura e fechamento de válvulas cardíacas, o insuflar e a constrição dos pulmões e até mesmo minúsculos procedimentos efetuados no interior de nossas células que contribuem eficazmente para o nosso bem viver. O planeta que neste mesmo instante nos parece estático, gira em torno de si (movimento de rotação) e do sol (translação) numa grande velocidade. Plantas que fazem a fotossíntese e executam a troca gasosa, grandes e pequenos animais cada um com uma contribuição específica trabalham como, por exemplo, o cão fiel que vigia a nossa casa, a simples abelha que

poliniza as flores e a minúscula bactéria e o fungo que trabalham na decomposição dos corpos numa singela e importante tarefa de executar a Lei de Deus na transformação da matéria. Assim como nos esclarecem os espíritos superiores em resposta a Allan Kardec: "*Toda ocupação útil é trabalho*" [84]. É importante esta especificação, feita pelos benfeitores do plano maior da utilidade da ocupação, para que possamos diferenciar tarefas muitas vezes rotineiras que executamos e que não têm absolutamente nenhuma utilidade, nem para nós nem para os outros, portanto, não é trabalho. Assim é necessária muita atenção no aproveitamento do nosso tempo, esse verdadeiro talismã, que quando bem utilizado favorece a todos nós um avanço moral bastante significativo. Léon Denis amplia ainda mais a indicação do trabalho em nossas vidas, quando nos fala ao coração:

> *"O trabalho é também um grande consolador, é um preservativo salutar contra as nossas aflições, contra as nossas tristezas. Acalma as angústias do nosso espírito e fecunda a nossa inteligência. Não há dor moral, decepções ou reveses que não encontrem nele um alívio; não há vicissitudes que resistam à sua ação prolongada. O trabalho é sempre um refúgio seguro na prova, um verdadeiro amigo na tribulação* [85]".

Exemplificando a afirmativa de Denis, André Luiz depois de se recuperar de todo o sofrimento nas regiões umbralinas, que havia demorado aproximadamente oito anos, narra:

> *"O serviço continuou por todo o dia, custando-me abençoado suor, e nenhum amigo do mundo poderia avaliar a alegria sublime do médico que recomeçava a educação de si mesmo, na enfermagem rudimentar. (...) o espírito de serviço fornece tônicos de misterioso vigor* [86]".

Naturalmente que o repouso e as distrações sadias fazem parte de nosso contexto de vida e são necessários para o equilíbrio do corpo e da alma. Os espíritos superiores quando questionados por Kardec, sobre ser o repouso uma lei da Natureza, ou seja, uma Lei de Deus, eles responderam: *"Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria* [87]".

O trabalho como lei da Natureza constitui uma necessidade, e a própria sociedade também estimula os indivíduos a estarem no mercado de trabalho por cada vez mais tempo, porque é uma exigência do progresso social e os gozos materiais estimulam através das novidades que nos chegam, principalmente na área tecnológica que surge numa velocidade fantástica, a trabalhar cada vez mais. Em função do progresso, que também é uma Lei de Deus, as funções trabalhistas estão ficando mais suaves menos penosas. E quanto mais o espírito se aperfeiçoa, o trabalho vai suavizando e torna-se um manancial de gozos, ficando vinculado a tarefas cada vez mais elevadas e intelectualizadas.

No capítulo 8 de *Nosso Lar*, há descrição da arquitetura e urbanismo da cidade espiritual e as primeiras impressões de André Luiz diante do movimento das ruas e vastas avenidas onde não existia o menor sinal de inércia e ociosidade, é surpreendente. O espanto do recém-chegado era grande, porque não havia imaginado a possibilidade de existir depois da morte do corpo físico, locais tão bem organizados com variadas edificações, praças e jardins com uma estrutura tão complexa como as que existem no mundo material, mas como nos explica *O Livro dos Espíritos*, o mundo material é que é um *pálido reflexo* [88] do plano espiritual. Durante a apresentação da cidade de "Nosso Lar" realizada por Lísias para André, o enfermeiro fala o seguinte:

> "*A colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se em seis Ministérios, orientados cada qual, por doze Ministros. Temos os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros nos aproximam das esferas terrestres, os dois últimos nos ligam ao plano superior, visto que a nossa cidade espiritual é zona de transição. Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração, os mais sublimes no da União Divina. Clarêncio, o nosso chefe amigo, é um dos Ministros do Auxílio.*
>
> *Valendo-me da pausa natural, exclamei, comovido:*
>
> *Oh! Nunca imaginei a possibilidade de organizações tão completas, depois da morte do corpo físico!...*
>
> *Sim – esclareceu Lísias –, o véu da ilusão é muito denso nos círculos carnais. O homem vulgar ignora que toda manifestação de ordem, no mundo, procede do plano superior. A Natureza agreste*

transforma-se em jardim, quando orientada pela mente do homem, e o pensamento humano, selvagem na criatura primitiva, transforma-se em potencial criador, quando inspirado pelas mentes que funcionam nas esferas mais altas. Nenhuma organização útil se materializa na crosta terrena, sem que seus raios iniciais partam de cima [89]*".*

Assim, após estes esclarecimentos iniciais, Lísias, que trabalhava como visitador dos serviços de saúde, cooperando na enfermagem, como também assinalando necessidades de socorro, ou providências no que se referiam a doentes recém-chegados da crosta terrestre, coloca para André que os edifícios, e todas as residências daquela área eram de propriedade do Ministério do Auxílio e que todos os que por ali transitavam eram operários, servidores e orientadores ligados ao referido Ministério. Contou ainda que o Governador da Colônia recebia colaboração de três mil funcionários, sendo ele o servidor mais fiel e incansável, o seu pensamento abrangia todos os círculos de serviço e que ele estava em "Nosso Lar" há 114 anos. André, sob o efeito de todas essas surpreendentes informações, tem então o primeiro contato com toda a sistematização e dimensão do trabalho no plano espiritual das mais diferentes graduações e possibilidades, tendo assim a noção da importância deste bendito instrumento. Tobias ao caminhar com André por largos quarteirões, explica ao novo amigo:

"*Temos aqui as grandes fábricas de "Nosso Lar". A preparação de sucos, de tecidos e artefatos em geral, dá trabalho a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo* [90]*".*

Com essa nova visão apresentada, o médico da terra descobre um mundo palpitante, cheio de atividades, cheio de vida, bem distante do que imaginava sobre a morte no período em que estava encarnado. Dona Laura, mãe de Lísias, se coloca também à disposição para elucidar as numerosas interrogações que permeavam o pensamento de André, pois para ela o trabalho, ainda quando estava reencarnada, foi um poderoso aliado para a sua elevação e defesa da alma. As lutas vividas em ocasião da sua viuvez tinham sido grandes, mas uma existência de labor a livrara de grandes quedas morais. O trabalho evita as nossas quedas morais como a benfeitora

Joanna de Ângelis, pela psicografia de Divaldo Franco, narra em *Leis Morais da Vida,* na página intitulada "A Bênção do Trabalho": *O momento perigoso para o cristão decidido é o do ócio, não o do sofrimento nem o da luta áspera.* Nesses momentos de hora vazia surge o mal, o espaço livre para pensamentos fúteis e as "distrações equivocadas" que aparentemente são insignificantes, mas sorrateiramente o simples boato que fazemos se torna uma grande confusão e nem mesmo nós sabemos como tudo começou. Há uma sábia expressão popular que diz "*cabeça parada oficina do diabo*".

Através do trabalho remunerado o indivíduo transforma o meio, modifica a sociedade, cria condições de conforto admiráveis contribuindo para o bem-estar de todos; há uma ascendência no sentido horizontal, ou seja, no mundo material. Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec no item três orienta:

> "*Se Deus tivesse eximido o homem do trabalho físico, seus membros ficariam atrofiados; se o tivesse eximido do trabalho da inteligência, seu espírito ficaria na infância, no estado de instinto animal. Eis por que Deus fez do trabalho uma necessidade para o homem, e lhe disse: Procura e acharás; trabalha e produzirás, dessa forma serás filho das tuas obras, terás o mérito e serás recompensado segundo o que tiveres feito* [91]*".*

No capítulo 14 que tem como título "Elucidações de Clarêncio" da obra base de nosso livro, o referido benfeitor fala para André:

> *"(...) é preciso convir que toda tarefa na Terra, no campo das profissões é convite do Pai para que o homem penetre os templos divinos do trabalho".*

Mas Clarêncio também faz um alerta:

> *"(...) às vezes o Pai nos honra com Sua confiança e nós desvirtuamos os verdadeiros títulos de serviço".*

Como é importante a forma como lidamos no com a nossa profissão, porque na fábrica, no consultório, na oficina, no parlamento, na cozinha, na limpeza urbana, seja qual for a nossa atividade, em qualquer lugar nós somos espíritas e a Lei de Deus não se restringe somente aos templos religiosos, mas é para todo o Universo. Diante das explicações dadas por

Clarêncio sobre as relações profissionais André faz o seguinte comentário no capítulo 14: *"Fiquei atônito. Não conhecia tais noções de responsabilidade profissional"*. Qual é a nossa relação com a atividade profissional que exercemos? Enxergamos apenas como uma fonte monetária ou como um instrumento de progresso no processo evolutivo?

Já no trabalho voluntário, altruístico há uma transcendência da materialidade e a transformação do homem se dá internamente num processo que educa a alma na troca de experiência com o outro, numa luta interna contra o próprio egoísmo e assim a criatura vai evoluindo no sentido vertical, em direção à Divindade. Daí o codificador ressalta para nós no capítulo 18 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que tem como título "Muitos os Chamados e poucos os Escolhidos", item 2: " *(...) não é suficiente ser convidado; não basta levar o nome de cristão, nem de se sentar à mesa para participar do banquete celestial; é preciso, antes de tudo, e como condição expressa, estar vestido com a roupa nupcial, isto é, ter pureza de coração e praticar a Lei segundo o espírito; ora, essa Lei está inteiramente contida nestas palavras: "Fora da caridade não há salvação". Mas, entre todos aqueles que ouvem a palavra divina, poucos são os que guardam e as colocam em prática! Poucos se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis por que Jesus disse: Haverá muitos chamados e poucos os escolhidos.*"

No "O trabalho, enfim [92]", André Luiz narra as emoções iniciais do trabalho simples que ia realizar no Ministério da Regeneração. O orgulhoso médico da Terra se envolve então em atividades humildes, mas especificamente nas Câmaras de Retificação, onde instintivamente passa a colaborar na limpeza do ambiente, com o verdadeiro sentido de servir e no final de um dia de árduas tarefas, agradece alegre sentindo que recomeça um novo processo de educação íntima.

A criatura encarnada ou desencarnada receberá sempre de acordo com o trabalho de edificação que faz de si mesma, num esforço de superar o orgulho, o egoísmo e suas derivações, pois todos os nossos vícios daí se originam, por este motivo, numa anotação de Mateus, no capítulo 5, versículo 16, Jesus nos orienta: "Brilhe a vossa luz"; e a luz interna que é

produzida pelo árduo trabalho de reforma íntima não faz sombra, ao contrário, clareia a nossa visão de vida, que passa da restrita materialidade à amplitude do espírito imortal com outras perspectivas de vida e futuro. Afirmativa justificada no livro *O Consolador*, ditado pelo Espírito Emmanuel e psicografia de Francisco Cândido Xavier, que transcrevemos:

> *"A autoiluminação pode ser conseguida apenas com a tarefa de uma existência na Terra?*
>
> *Uma encarnação é como um dia de trabalho. E para que as experiências se façam acompanhar de resultados positivos e proveitosos na vida, faz-se indispensável que os dias de observação e de esforço se sucedam uns aos outros.*
>
> *No complexo das vidas diversas, o estudo prepara; todavia, somente a aplicação sincera dos ensinamentos do Cristo pode proporcionar a paz e a sabedoria, inerentes ao estado de plena iluminação dos redimidos* [93]*".*

Ainda no livro supracitado, o mentor espiritual responde a mais um questionamento:

> *"Como iniciar o trabalho de iluminação da nossa própria alma?*
>
> *Esse esforço individual deve começar com o autodomínio, com a disciplina dos sentimentos egoísticos e interiores, com o trabalho silencioso da criatura por exterminar as próprias paixões.*
>
> *Nesse particular, não podemos prescindir do conhecimento adquirido por outras almas que nos precederam nas lutas da Terra, com as suas experiências santificantes – água pura de consolação e de esperança. Que poderemos beber nas páginas de suas memórias ou nos testemunhos de sacrifício que deixaram no mundo.*
>
> *Todavia, o conhecimento é a porta amiga que nos conduzirá aos raciocínios mais puros, porquanto, na reforma definitiva de nosso íntimo, é indispensável o golpe da ação própria, no sentido de modelarmos o nosso santuário interior, na sagrada iluminação da vida* [94]*".*

André Luiz no seu processo de modificação interna que se inicia com a conscientização das oportunidades perdidas, sente muita vontade de começar a trabalhar, mas não se sente apto às atividades da medicina espiritual; verifica então a necessidade de adequação, preparo para exercer aquela função e o grande trabalho interno começa com o do desenvolvimento da humildade:

> *"(...) Minha posição ali, contudo, era assaz humilde para me atrever. Os médicos espirituais eram detentores de técnica diferente. No planeta, sabia que meu direito de intervir começava nos livros*

conhecidos e nos títulos conquistados; mas, naquele ambiente novo, a medicina começava no coração, exteriorizando-se em amor e cuidado fraternal. Qualquer enfermeiro, dos mais simples, em "Nosso Lar", tinha conhecimentos e possibilidades muito superiores à minha ciência. Inexequível, portanto, qualquer tentativa de trabalho espontâneo, por constituir, a meu ver, invasão de seara alheia [95]*"(...)*

Através de tantas informações que nos chegam por meio dos benfeitores espirituais sobre o sentido amplo do trabalho em nossas vidas, lembramo-nos de uma passagem anotada em Atos, 9:10.

"E disse-lhe o Senhor em visão: Ananias!
E Ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor!"

Ananias se coloca à disposição para qualquer missão que o Mestre ordenasse, sem questionamentos ou dúvidas, mas como fiel servidor. E os convites que nos têm chegado para trabalhar na seara de Jesus, para que possamos nos transformar em instrumentos de sua Divina Vontade? Estou sem tempo! Não estou preparado! Na outra reencarnação! André Luiz, no capítulo 33 de *Nosso Lar*, diz para todos nós que, após observar todo o funcionamento da Colônia numa vibração constante de intenso e construtivo trabalho, pode ver quanto tempo tinha perdido no mundo em "frioleiras de toda sorte". Observamos também situações como esta de André, no livro *O Céu e o Inferno*, em que o codificador traz diversos relatos de muitos espíritos em condições de sofrimento e sérias dificuldades, que ao chegar de retorno à pátria espiritual e depois de serem evocados, se lamentavam da perda de tempo. Precisamos viver no mundo físico, mas cientes que aqui é transitório, que vai passar, é como um grande aeroporto onde a todo instante as pessoas chegam e embarcam num rodízio interminável, levando em suas malas apenas o que fizeram o que conquistaram moralmente podendo essa conquista ser positiva ou não e o resultado, as consequências disso serão absolutamente compatíveis com o que foi realizado. "*A cada um segundo as suas obras*", pronunciou o Meigo Nazareno. Nesse processo de idas e vindas, necessário para o nosso progresso e aprendizado, vamos através do trabalho que executamos,

desenvolvendo as potencialidades que temos em gérmen para alcançarmos paulatinamente a conquista da felicidade plena, e um dia, cada um, a seu tempo, irá dizer: *Eis-me aqui Senhor!*

Vejamos as considerações de André Luiz depois de algum tempo na abençoada Colônia espiritual, onde inicialmente o sofrimento e a dor eram as suas únicas companhias percebidas por aquele que se achava perdido, sem noção de tempo e espaço e aos poucos todo um panorama vai sendo modificado, substituído, lapidado pelo árduo e abençoado trabalho interno e externo executado pelo nosso querido autor. São relatos do livro *Nosso Lar*, que exemplificam o trabalho como instrumento de lapidação para o espírito imortal na conquista de si mesmo e como partícipe da obra da Criação:

> "*Um ano se passou em trabalhos construtivos, com imensa alegria para mim. Aprendera a ser útil, encontrara o prazer do serviço, experimentando crescente júbilo e confiança.*
>
> *Como é grande a providência divina! (...) Com que sabedoria dispõe o senhor de todos os trabalhos e situações da vida!*
>
> *Foi, então, que o Ministro Clarêncio, surgindo à frente de todos, (...) Falou:*
>
> *– Até hoje, André, você era meu pupilo na cidade; mas, doravante, em nome da governadoria, declaro-o cidadão de "Nosso Lar* [96]*".*

À guisa de encerramento deste nosso raciocínio que aponta o trabalho como a solução para que nos protejamos de nós mesmos e das tentações da vida material, voltemos a Denis.

> "*Despertai, ó vós todos que deixais dormitar as vossas faculdades e as vossas forças latentes! Levantai-vos e mãos à obra! Trabalhai, fecundai a terra, fazei ecoar nas oficinas o ruído cadenciado dos martelos e os silvos do vapor. (...) Vossa tarefa é grande e santa. Vosso trabalho é a vida, é a glória, é a paz da Humanidade. Obreiros do pensamento, perscrutai os grandesproblemas, estudai a Natureza, propagai a Ciência, espalhai por toda parte tudo o que consola, anima e fortifica. Que de uma extremidade a outra do mundo, unidos na obra gigantesca, cada um de nós se esforce a fim de contribuir para enriquecer o domínio material, intelectual e moral da Humanidade!* [97]"

Posfácio

Durante séculos, o mundo viveu na "eterna" dicotomia "matéria x espírito". Essa bipartição, historicamente, remonta ao filósofo grego Platão, que no livro *A República* (especificamente no Tomo VII) funda a dualidade entre matéria e espírito com aquilo que ele chamou de "Alegoria da Caverna". Aqui, conta-se metaforicamente que, para a aquisição de conhecimento, é preciso passar por um afastamento das sombras (espaço em que vivemos – o sensível) e aproximar-se das luzes (o espaço ideal e metafísico – o imanente). O problema do pensamento platônico é que para a realização desse percurso é necessária a ascensão ao plano das ideias, espaço ideal em que estão contidas todas as verdades e de onde o mundo físico retira parte de sua representação, a partir da cópia e da imitação. Numa palavra, viveríamos inconscientemente no falseado mundo das sombras.

Há um problema capital no pensamento platônico (ou ao menos de parte da interpretação que se faz a ele). No momento que ele afirma que a falsidade está no plano terrestre, inicia-se um processo de desvalorização dos elementos físicos para uma (hiper)valorização dos elementos transcendentais. A partir daí, cria-se um efeito em cadeia em que nos levará à depredação do corpo físico diante da fragilidade da vontade e dos desviamentos da moral.

O Cristo (sempre ele), entretanto, aponta para um caminho diferente. Quando estudamos todos os deuses criados pela humanidade, percebemos que todos assumiam a forma humana. Ou seja, continuavam a ser plenamente deuses, mas que se travestiam na forma hominal para interagirem – positiva ou negativamente – com os humanos. Situação contrária aconteceu com Jesus. O Mestre, mais do que assumir a forma humana, fez-se homem. Nasceu, viveu e morreu como homem. Com isso ele ensina que a carne, e, portanto, a matéria, é um elemento importante, e que logo deve ser valorizado. Ao ser homem, Cristo aponta para o fato de que todos podem trilhar o mesmo caminho, fazer as coisas que ele fazia, pois sua potencialidade não residia em caracteres especiais de que somente poucos escolhidos eram dotados, mas da capacidade individual na realização de feitos que dependiam, assim, apenas do esforço próprio.

Outro importante ensinamento que Cristo legou com sua encarnação foi demonstrar que o corpo material poderia envolver um espírito de luz. Dizendo isso de forma diferente, se Jesus pôde "reduzir" a iluminação de seu perispírito para adequar-se à matéria mais grosseira da Terra, isso significa dizer que há algo de sagrado em nossa encarnação, afinal o nosso Irmão Maior, nosso Senhor, escolheu essa maneira de nos ensinar e não outra. Por conta disso, é fundamental compreendermos a importância que a matéria tem em nossa vida, porque ela promove o nosso desenvolvimento espiritual. Quando estivermos convictos de que matéria e espírito estão interligados em nossa trajetória espiritual, passaremos, então, a sacralizá-los a todos.

Por isso que somente com a conciliação desses dois conceitos poderemos atingir os objetivos de elevação. Se partirmos somente do corpo, poderemos nos tornar hedonistas; se somente do espírito, poderemos ficar alienados das coisas materiais. Mas com fusão, cuja maior representatividade está na figura de Jesus, valorizaremos a vida e, então, saindo da relação "matéria x espírito" para "matéria e espírito" seremos realmente plenos.

Ao final da leitura desse opúsculo, esperamos que o leitor possa ter caminhado com André Luiz, aprendido com André Luiz, estudado com André Luiz. Mas isso só será pouco, é fundamental também aplicar isso à

vida cotidiana. Entender que todas as escolhas são nossas, bem como as suas consequências.

Mas se podemos escolher, o que temos a temer? Somente nós mesmos, que, por atavismos ou ignorância, ainda nos demoramos em estágios que nos levam ao sofrimento. Aprendamos com André Luiz sobre as nossas escolhas, olhemos Jesus, que nos mostrou a importância da matéria e do espírito, e nos espiritualizemos em matéria a fim de alcançarmos o mais rápido possível a convivência dos bons espíritos, que somente aguardam nossa adesão mental para estenderem suas mãos e nos levantarem dos desvios e nos conduzirem para a paz, para a luz e para Deus.



Referências Bibliográficas

ÂNGELIS, Joanna de. **Leis Morais da Vida**. Editora LEAL. 1ª edição, 2000.

ÂNGELIS, Joanna de. **Liberta-te do Mal**. EBM Editora. 3ª edição, 2005.

ÂNGELIS, Joanna de. **Momentos de Felicidade**. Editora LEAL. 3ª edição, 2005.

ÂNGELIS, Joanna de. **Momentos de Meditação**. Editora LEAL. 1ª edição, 2011.

BÍBLIA. **O Novo Testamento.** I Coríntios.

BÍBLIA. **O Novo Testamento.** Evangelho de João.

BÍBLIA. **O Novo Testamento.** Evangelho de Matheus.

BÍBLIA. **O Novo Testamento.** Atos dos Apóstolos.

DENIS, Léon. **Depois da Morte**. Editora CELD. 3ª edição, 2011.

DENIS, Léon. **No Invisível**. Editora FEB. 2008.

DENIS, Léon. **O Grande Enigma**. Editora CELD. 3ª edição, 2011.

DENIS, Léon. **O Problema do Ser e do Destino**. Editora CELD. 1ª edição, 2011.

Dicionário de Filosofia Espírita. Editora CELD. 3ª edição, 2010.

EMMANUEL, Espírito. **A Caminho da Luz**. Editora FEB. 1939.

EMMANUEL, Espírito. **Justiça Divina**. Editora FEB. 1962.

EMMANUEL, Espírito. **O Consolador**. Editora FEB. 1941.

FLAMMARION, Camille. **A Morte e seu Mistério.** Vol. 1. Editora FEB. 5ª edição, 1996.

FRANCO, P. Divaldo. **Estudos Espíritas.** Editora FEB. 10ª edição, 2000.

IRMÃO X. **Cartas e Crônicas**. Editora FEB. 1966.

KARDEC, Allan. **A Gênese.** Editora CELD. 3ª edição, 2010.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Editora Celd. 2ª edição, 2011

KARDEC, Allan. **O Céu e o Inferno.** Editora CELD. 1ª edição, 2008.

KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Editora CELD. 1ª edição, 2012.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos.** Editora CELD. 1ª edição, 2007.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns.** Editora CELD. 1ª edição, 2010.

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo.** Editora CELD. 3ª edição, 2010.
LUIZ, André. **Entre a Terra e o Céu**. Editora FEB. 13ª edição, 1990.
LUIZ, André. **Evolução em Dois Mundos**. Editora FEB. 2008
LUIZ, André. **Nosso Lar**. Editora FEB. 56ª edição, 2006.
LUIZ, André. **Obreiros da Vida Eterna**. FEB. 10ª edição, 1990.
MELO, Jacob. **O Passe. Seu estudo, suas técnicas, suas práticas**. FEB. 5ª edição, 1992.
Programa *Larry King Now.* Entrevista com Neil de Grasse Tyson, disponível em www.youtube.com.br
ZIMMERMANN, Zalmiro. **Perispírito.** Editora CEAK. 4ª edição, 2011.



Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: http://www.leondenis.com.br
E-mail: grafica@leondenis.com.br

[1] Teoria ou estudo científico sobre a morte, suas causas e fenômenos a ela relacionados.

[2] Ver também o capítulo 62 do livro *Justiça Divina,* do Espírito Emmanuel, que lista temas que são comuns a diversas religiões e compara com a Doutrina Espírita.

[3] *O Livro dos Espíritos*. Introdução.

[4] Vemos como Kardec constrói os conceitos espíritas através das oposições dos contraditores, na obra *O que é o Espiritismo.*

[5] Não se quer dizer com isso que esse papel unificador só cabe ao Espiritismo ou que não haja grandes homens fora dos quadros espíritas que deram grandes subsídios para essa união ser possível.

[6] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos.* Questão 148.

[7] Léon Denis exemplifica no capítulo 4 da 1a parte de *No Invisível*, a dificuldade e obstáculos em se obter nas sessões os fenômenos mais autênticos e cita, também, uma série de advertências sobre os que desejam debruçar nessa ciência, na qual o pensamento do pesquisador não pode ser negligenciado no campo da prática e método de estudo.

[8] Nós, espíritas, vemos a genética como efeito de uma causa anterior, enquanto os materialistas só a podem ver como causa essencial.

[9] Astrofísico norte-americano, atualmente diretor do Planetário Hayden e pesquisador associado ao Museu Americano de História Natural.

[10] Tendo a morte como o fim, torna-se impossível a associação plena entre penas e recompensas estreitamente ligadas ao nosso livre-arbítrio.

[11] *O Céu e o Inferno*. 1a parte, capítulo 3. CELD.

[12] *Nosso Lar*, capítulo 8.

[13] Em *Mateus*, 25:31 a 25:46.

[14] *O Céu e o Inferno*, CELD. Capítulo 7, da 1a parte.

[15] *O Livro dos Espíritos.* Comentário da questão 1.009. CELD

[16] Ver comentário de Kardec ao 10o artigo do código penal da vida futura, transcrito assim: “Perpétuo é sinônimo de eterno. Diz-se: o limite das neves perpétuas; os gelos eternos dos polos; diz-se também o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que ele o será perpetuamente, mas somente por um *tempo ilimitado*. Portanto, *eterno* e *perpétuo* se empregam no sentido de *indeterminado*. Nessa acepção, pode-se dizer que as penas são eternas, se entendermos que elas não têm uma duração limitada; as penas são eternas para o espírito que não lhes vê o término.”

[17] *Nosso Lar*, capítulo 2.

[18] Em *O Livro dos Espíritos*, no “Ensaio sobre as Sensações dos Espíritos”, item 257.

[19] EMMANUEL, Espírito. *Justiça Divina*. Capítulo 34. Psicografado por Chico Xavier.

[20] Trata-se aqui do esgotamento natural dos órgãos na morte natural, conforme Kardec em *O Livro dos Espíritos*, item 154.

[21] *Nosso Lar*. Apresentação de André Luiz.

[22] *O Passe. Seu estudo, suas técnicas, suas práticas*, capítulo IV. 5.ed. FEB.

[23] *Nosso Lar*, capítulo 2.

[24] *Nosso Lar*, capítulo 29.

[25] *Nosso Lar*, capítulo 4.

[26] *Nosso Lar*, capítulo 35.

[27] *Nosso Lar*, capítulo 14.

[28] *Obras Póstumas*, 1a parte, item 10, CELD. 2. ed. 2011.

[29] *O Livro dos Médiuns*, questão 51. CELD, 1. ed. 2010.

[30] *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, cap. 4; cap. 14, itens 7 e 8. CELD, 2010.

[31] *Dicionário de Filosofia Espírita*. CELD. 3. ed. 2010.

[32] *Nosso Lar*, capítulo 4.

[33] *Estudos Espíritas*. Divaldo Pereira Franco. FEB. 10. ed. 2000.

[34] Para mais detalhes das propriedades do perispírito, consultar a 4a edição (2011) de *Perispírito*, de Zalmino Zimmermann.

[35] *O Céu e o Inferno*, capítulo 6, itens 6 e 15. CELD.

[36] *Evolução em Dois Mundos*, 2a parte, capítulo 7. Editora FEB.

[37] Ver também *O Grande Enigma*, 1a parte, capítulo 1. CELD, 2011.

[38] Colocamos a palavra lugar entre aspas por entendermos que não existem espaços circunscritos de qualquer natureza no Mundo Espiritual.

[39] *Evolução em Dois Mundos*. Capítulo 16.

[40] *Evolução em Dois Mundos*. Capítulo 7.

[41] *O Livro dos Espíritos*, q. 1.017. Nota de Allan Kardec. CELD.

[42] *O Livro dos Espíritos*, q. 257. CELD.

[43] Sempre que usarmos, neste capítulo, a palavra "físico" para uma sensação, condição ou efeito no espírito desencarnado, estaremos nos referindo ao corpo espiritual ou perispírito, já que o desencarnado não possui o corpo físico de carne. Faltou-nos, aqui, a palavra ideal.

[44] *Nosso Lar*, capítulos 1 e 2.

[45] *O Livro dos Espíritos*, item 257.

[46] Itens 163 e seguintes de *O Livro dos Espíritos.*

[47] Diretor espiritual do Centro Espírita Léon Denis, no Rio de Janeiro – RJ.

[48] Todos os nomes são de amigos da Casa Espírita, junto dos quais a companheira trabalhou anos a fio.

[49] Mensagem psicografada no CELD, em setembro de 2015, pelo médium Mário Coelho.

[50] *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, capítulo 16. CELD, 2008.

[51] *Nosso Lar*, capítulo 7. Ver também *Entre a Terra e o Céu,* capítulo 33.

[52] Nosso Lar, capítulo 7

[53] *Nosso Lar*, capítulo 2.

[54] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, item 4.

[55] *Nosso Lar*, capítulo 4.

[56] *O Livro dos Espíritos*, item 991. CELD.

[57] *O Livro dos Espíritos*, item 990. CELD.

[58] *Momentos de Consciência*, capítulo 6. Joanna de Ângelis. Psicografia de Divaldo Franco. Editora LEAL.

[59] *Nosso Lar*, capítulo 6.

[60] *O Livro dos Espíritos*, item 992. CELD.

[61] *Momentos de Consciência*, capítulo 6. Joanna de Ângelis. Psicografia de Divaldo Franco. Editora LEAL.

[62] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, item 11. CELD.

[63] *Nosso Lar*, capítulo 1.

[64] *Nosso Lar*, capítulo 28.

[65] *O Problema do Ser e do Destino*, cap. 13. CELD, 2010.

[66] O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo V, item 19. CELD.

[67] *Cartas e Crônicas*, capítulo 4. Francisco Cândido Xavier. Irmão X. Editora FEB.

[68] *O Livro dos Espíritos*. 2a Parte, capítulos 6 e 7.

O Livro dos Espíritos. 4a Parte, capítulo 1.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 4:18 e 19 e capítulo 14:8.

[69] *Nosso Lar, capítulo 4.*

[70] Sugerimos buscar também:

Capítulo 16: Confidências – A mãe de André Luiz narra a situação espiritual de seu marido, consequente às relações extraconjugais.

Capítulo 38: O caso Tobias – Tobias conta sobre sua viuvez, as segundas núpcias, o ciúme da esposa desencarnada e a superação e convívio fraterno agora no plano espiritual.

Capítulo 46: Sacrifício de Mulher – Uma das grandes lições morais de *Nosso Lar*, quando a mãe de André fala sobre sua próxima reencarnação, recebendo as amantes do marido como filhas.

[71] *Nosso Lar*, capítulo 40.

[72] *Nosso Lar*, capítulo 40.

[73] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 10, item 15. CELD.

[74] *Nosso Lar*, capítulo 40.

[75] *Nosso Lar*, capítulo 40.

[76] *Nosso Lar*, capítulo 1.

[77] *Nosso Lar*, capítulo 1.

[78] *Morte e seu Mistério*, de CamilleFlammarion, volume 1, pág. 7, 5. ed., FEB.

[79] *Liberta-te do Mal*, Divaldo Franco pelo Espírito de Joanna de Ângelis, pág. 121 e 124; 1. ed. EBM.

[80] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo. 2, item 8. CELD.

[81] *Nosso Lar*, capítulo14.

[82] *Nosso Lar*, Mensagem de André Luiz.

[83] *Depois da Morte*, capítulo 52. CELD. Ver também: *Momentos de Felicidade,* de Joanna de Ângelis; *A Caminho da Luz*, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier; *O Livro dos Espíritos*, q. 943.

[84] *O Livro dos Espíritos*, item 675.

[85] *Depois da Morte*, capítulo 52. CELD.

[86] *Nosso Lar*, capítulos 27 e 28.

[87] *O Livro dos Espíritos*, item 682.

[88] *O Livro dos Espíritos*, q. 278.

[89] *Nosso Lar*, capítulo 8.

[90] *Nosso Lar*, capítulo 28. Ver também: *Leis Morais da Vida*, de Joanna de Ângelis.

[91] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. 25. CELD.

[92] *Nosso Lar*, capítulo 27.

[93] *O Consolador*, pergunta 228. FEB.

[94] *O Consolador*, pergunta 230. FEB.

[95] *Nosso Lar*, capítulo 13.

[96] *Nosso Lar*, capítulos 46 e 50.

[97] *Depois da Morte*, capítulo 52. CELD.